

O Fenómeno dos Animais de Estimação na Realidade Lisboeta

(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

Dissertação de Mestrado em Sociologia

Comunidades e Dinâmicas Sociais

Abril 2018

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários a obtenção do grau de Mestre em Sociologia, com a especialização Comunidades e Dinâmicas Sociais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Sara Dalila Aguiar Cerejo, professora auxiliar convidada com contrato a termo certo no Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

“O homem não sabe mais que os outros animais; sabe menos. Eles sabem o que precisam saber. Nós não”.

(Fernando Pessoa, in *Aforismos e Afins*. Richard Zenth. 2003).

AGRADECIMENTOS

Quantas vezes me deixei levar pelos pensamentos negativos e duvidar das minhas capacidades? Mais do que gostava! Felizmente, tive uma boa base de apoio daqueles que serão abaixo mencionados, pois, sem estes, (sublinho) a dissertação não estaria terminada.

Primeiramente, agradecer à minha orientadora, Dalila Cerejo, que aceitou este desafio, que contra todas as probabilidades guiou-me nesta busca pela obtenção do grau académico e, sempre que necessário, dando um abanão para a realidade. À FCSH (incluindo todos os colaboradores), que depois de tantas horas passadas neste estabelecimento, acabou por se tornar a minha casa.

O cliché dos agradecimentos tem que ser obrigatoriamente realizado: à minha mãe, Elisabete Diz Martins e ao meu pai, Francisco José Veiga Martins. Mais do que pais, que me deram todo o apoio necessário, que aturaram os meus ataques de ansiedade e que perderam algumas horas diárias nos meus pedidos, nunca se queixaram por terem uma filha que abusou das suas capacidades enquanto professores e ter pedido para (re)lerem algumas versões desta investigação.

Agradeço do fundo do coração a todos os amigos que de alguma forma me ajudaram a alcançar este objetivo. Especialmente às minhas amigas, Sofia Couto e Beatriz Ferreira por terem tido a maior disponibilidade de me aguentar, nomeadamente na última fase crítica deste processo; ao meu companheiro desta jornada, Carlos Walgood dos Santos, por todas as horas a escutar os meus desabafos e todos os conselhos dados, que (in)felizmente também se encontrava na mesma situação; e à minha inspiração sociológica, José Maria Carvalho pela paciência em ouvir/ler os meus disparates teóricos.

Por último, mas não menos importante, quero dedicar este parágrafo para todas as pessoas que contribuíram na realização prática dos resultados, particularmente para os 13 entrevistados, que, por motivos de confidencialidade, não enunciarei os nomes, mas farei questão de lhes enviar a investigação e agradecer individualmente. Quero aproveitar para, mais uma vez, pedir desculpa por ter sido chata e intrometida nas questões. O meu sincero agradecimento pela disponibilidade, simpatia, afinidade e confiança que tiveram para comigo e um beijo especial para os vossos animais.

Dedico-vos, a todos, e a mais alguns, este trabalho, que contém muitas lágrimas e suor de dedicação. Espero que seja motivo de orgulho.

O Fenómeno dos Animais de Estimação na Realidade Lisboaeta

Vanessa Andreia Martins

Resumo

Com o intuito de contribuir para as investigações das Ciências Sociais, a presente dissertação procura relacionar a Sociologia às relações dos atores com os animais de estimação. Através da análise de conteúdo das entrevistas semidiretivas a donos de animais de estimação residentes em Lisboa, será apresentado a representação social que estes têm perante os animais, dando maior foco ao seu *pet*. Também se abordará os motivos para se adotar um animal de estimação; os tipos de relacionamentos que existem entre os mesmos; os benefícios e as desvantagens desta relação, e por último, as emoções patenteadas durante o trabalho. Todas estas conclusões serão, então, relacionadas com as atitudes emocionais e ações adotadas que o ator teve, ou que se imagina a ter perante a possível morte do animal.

PALAVRAS-CHAVE: Animais-de-estimação; Representações Sociais; Emoções; Relações; Morte.

Abstract

Aiming to contribute to social science researches this dissertation intends to correlate sociology to the relationships between actors and pets. Through the analysis of content from semi directives interviews to pets' owners from Lisbon it will be determined the social representation that they have towards the animals, focusing on their pets. In addition to this it will also be addressed the motives for adopting a pet; the different types of relationships between the two; the benefits and disadvantages regarding this relationship, and last but not least, the emotions disclosed during this project. All of the outcomes will be related to the emotional attitudes and actions that the actor has endorsed or that he will imagine himself to carry facing a possible death.

KEYWORDS: Pets; Social Representations; Emotions; Relations; Death.

ÍNDICE

Capítulo I: Introdução à investigação	1
Capítulo II: Estrutura conceptual e problematização	7
1. Representações sociais, o conceito	7
2. As emoções.....	9
2.1. Emoção enquanto elemento isolado	10
2.2. Os vários tipos de emoções.....	11
3. A morte.....	14
4. A relação entre humano e animal de estimação	16
4.1. O fator cultural na relação.....	17
4.2. O efeito da relação com o animal	18
Capítulo III: A opção metodológica	22
1. Entrevistas semidiretivas, o método	30
2.1. Entrevistas semidiretivas, a experiência	31
2. Observação etnográfica, o método	32
3.1. Observação etnográfica, a experiência	33
Capítulo IV: A Apresentação dos Resultados	36
1. Um animal-de-estimação a sério	36
1.1. Prós e contras dos animais	39
2. A introdução do animal na vida da pessoa	42
2.1. Os motivos dessa introdução	44
2.2. A introdução da pessoa na vida do animal	46
3. A humanização do Animal	47
3.1. Agregado familiar: eu e o meu cão	49
3.2. Um gato que é um cão.	51
3.3. A Matilde e o Becas.....	52
4. O meu; o teu; o nosso animal de estimação.....	53
5. O convívio com o animal	55

6. As emoções manifestadas	57
7. A morte enquanto temática.....	61
7.1. A reação	62
7.2. A eutanásia.....	66
8. Animal, uma responsabilidade que não se assume.....	68
Conclusões.....	69
Referências	77
Índice de quadros	83
Anexos.....	84
Anexo1.....	84
Anexo2.....	86
Anexo3.....	87
Anexo4.....	87

LISTA DE SIGLAS

AR – Assembleia da República

PAN – Partido Pessoas-Animais-Natureza

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO À INVESTIGAÇÃO

*Eu, ali na rua, chorei quando vi aquele cão
morto na estrada, ele, ao meu lado, achou que eu estava
a exagerar. Porque é que umas pessoas se importam com
os animais de estimação e outras não?*

Foi perante um episódio pessoal e empatia com os animais, por parte da investigadora, que surgiu este enquadramento entre sociologia e animais. A análise das temáticas zoológicas era apreciada enquanto especialidade das ciências biológicas. Não obstante, também as ciências sociais mostram interesse em analisar o relacionamento dos seres humanos com os seres não-humanos,

“a sociedade humana surge como uma variante e um desenvolvimento prodigioso do fenómeno social natural; e assim, a sociologia – ciência humana – perde a sua insularidade e passa a ser o coroamento da sociologia geral – ciência natural” (Moscovici cit in Morin 2010, 13-14).

Na literatura sociológica, até aos finais do século XIX, havia uma omissão deste tema, pois defendia-se que a Sociologia estudava a estrutura social (Durkheim 2007). Só no início dos anos 2000 é que foi criada uma área de estudo que enquadra o animal não-humano nesta área, *Society and Animals* na *American Sociological Association* (2013), que tem como objetivo a análise e compreensão da interação entre os diferentes elementos, por exemplo, o significado e a utilidade que os atores sociais determinam aos animais.

Inúmeros estudos são realizados para se apurar os efeitos que os animais têm nos atores e, como tal, conclui-se que estes auxiliam no desenvolvimento de *skills* sociais (Costa 2006). Neste âmbito, a curiosidade da investigadora levou-a a contribuir para o conhecimento académico da Sociologia nos temas associadas às relações com os animais de estimação.

Primeiramente, antes de se descortinar os objetivos desta investigação, realizar-se-á uma breve contextualização perante a escolha do tema dos animais de estimação. Basta estar atento aos *media*, para se perceber que as preocupações sociais não são consideradas nem descritas como constantes, não são lineares e mudam conforme as

variáveis socioculturais, notícias relacionadas com animais e com questões eco ambientais e têm vindo a aumentar gradualmente, alcançado grande atenção por parte do público geral. Variadíssimos programas, de entretenimento, são proliferados nos ecrãs, onde o animal se apresenta como personagem principal do enredo. Passando a exemplificar: *O Encantador de Cães*, com Cesar Millan, - especialista em comportamento canino e apresentador do programa Dog Whisperer, do National Geographic Channel – tem como intuito encontrar uma simbiose entre a conduta canina e o(s) dono(s), intervindo nas situações complicadas¹.

Redirecionando para uma perspetiva nacional, a política portuguesa envolve-se cada vez mais neste fenómeno, tanto que nas eleições legislativas Portuguesas em outubro de 2015, houve, pela primeira vez, um deputado eleito pelo partido Pessoas-Animais-Natureza (PAN), pois conseguiram 1,39% dos votos para a AR. Também nesse ano, gerou-se uma polémica relativamente a um exercício escolar que estava presente no caderno de atividades de Matemática do 9ºano (enunciava uma forma de cálculo ao se atirar com um gato da varanda, a cinco metros de altura) e foi pedido que o mesmo fosse retirado, pois influenciava e/ou legitimava exponencialmente os maus-tratos aos animais. Mais recentemente, entrou em vigor no dia 3 de março de 2017 a Lei n.º8/2017 que estabelece

“um estatuto jurídico dos animais, reconhecendo a sua natureza de seres vivos dotados de sensibilidade, procedendo à alteração do Código Civil, aprovado pelo Decreto -Lei n.º 47 344, de 25 de novembro de 1966, do Código de Processo Civil” (Diário da República 2017, p.1145)

Muitos são os casos que demonstram a crescente preocupação e o desejo de mudança dos indivíduos perante os comportamentos a adotar para garantir o bem-estar do animal. Através da (re)produção de novas ideologias, há o objetivo de informar a população, de modo a evitar situações que possam prejudicar os animais.

Segundo um estudo da Estudo GfKTrack.2PETs Portugal (Vaga 2015) em 2014, cerca de 2,085 milhões de espaços domésticos em Portugal Continental possuem, no mínimo, um animal de estimação (cerca de 54% da população). Foi estimado que em 2017 essa percentagem aumente para 56%, ou seja, 2,151 milhões. Este estudo também expõe o papel preponderante que o ser não-humano possui no meio familiar e o benefício

¹ Dog Whisperer. S.d. <http://channel.nationalgeographic.com/wild/dog-whisperer/>

que traz à pessoa em questão. Como se pode verificar no Anexo 4, há uma comparação da taxa de respostas entre os anos 2011, 2013 e 2015. Relativamente ao cão, em 2011, 37% dos entrevistados percecionavam-no como um membro familiar, sendo que este valor sobe 10% em 2015; a representação deste *pet* enquanto filho, em 2011 era apenas de 3% e em 2015 aumenta para 9%; também é interessante verificar que a perceção do mesmo enquanto amigo em 2011 é de 11%, sendo que há um pequeno aumento de 13% em 2013, mas desce consideravelmente para 10% em 2015. Estes dados estatísticos são um exemplo do aumento constante de intimidade e vínculo emocional que se tem para com o animal. Comparando com o gato, a percentagem de respostas que o representa como um membro familiar é de 36%, curiosamente em 2013 mantém, mas depois em 2015 sobe para 49%; já como um filho, em 2011 apenas 4% o representa dessa maneira, e em 2015 aumenta para 9%.

Um outro aspeto provocativo é a utilidade do cão, em que este, em 2011 era usado como animal de guarda por 9% dos entrevistados, 7% em 2013 e 5% em 2015. Mais uma vez, estas percentagens comprovam as transformações existentes que se estão a proporcionar na relação entre humanos e animais de estimação. A humanização e hibridez de espécies (tema posteriormente abordado) é também notada quando, em 2011, 2% das pessoas afirmavam que o cão era apenas um animal, e 5% tinha a mesma opinião para o gato; sendo que em 2015 apenas 2% dos atores concorda com o fato de o gato ser apenas um animal e o mesmo acontece com o cão, mas com uma percentagem mínima de 0,4.

Exposta a breve contextualização, através de duas principais dimensões da problematização, a teoria das (1) representações sociais, e as (2) emoções, esta investigação focar-se-á na relação dos atores sociais com os animais de estimação (*pets*), de forma a associá-las às variações das atitudes perante a (possível) morte de um *pet*. Por exemplo, um dono que esteja mais emocionalmente conectado ao seu animal e o perceciona como um filho, sofrerá mais com a sua morte.

Apesar do cão e do gato serem os mais associados aos *pets* e mais referenciados nos estudos, aqui não se pretende omitir nem excluir nenhum animal, inclui-se qualquer mamífero, ave, réptil, peixe ou invertebrado. Um caso interessante, que influenciou esta escolha, é o casal Ronnie e Sherron Bridges, o qual vive há 13 anos, no Texas, com um búfalo a que chamaram de Wild Thing. Este búfalo não só convive diariamente com os mesmos, em que os três elementos comem refeições ao mesmo tempo na mesa e veem televisão juntos, como foi o seu padrinho de casamento, “*Wild Thing é uma grande parte*

da família, tanto que foi o meu padrinho quando nos casámos há 10 anos atrás” (tradução minha, Dave Burke for MailOnline, 2017). Existem vários documentários que demonstram o quotidiano de várias espécies de animais de estimação que não são consideradas “comuns” (BBCHDDocumentary, 2013). Ou seja, desde que o indivíduo assim os represente, todos os animais poderão ser considerados animais de estimação

É importante analisar as dimensões sociais e afetivas devido à sua capacidade de fornecerem certas pistas a propósito das interações entre humanos e animais de estimação, com o propósito de se compreender outras inquietações mais específicas, por isso tentar-se-á também perceber: (1) se os animais de estimação são tratados como um ser humano; (2) se o animal de estimação é representado como um elemento da família; (3) quais são os motivos para se ter/adotar um animal; (4) se há diferenças relacionais/representacionais conforme a liberdade do *pet* (se está confinado a um espaço específico ou tem liberdade pela casa); (5) se houve mudanças na vida do dono depois de ter o *pet* (e dos restantes elementos que convivem no mesmo espaço doméstico); (6) os aspetos positivos e negativos existentes na relação com o animal; e (7) se a socialização familiar (que o indivíduo possuiu na infância), influenciará a sua relação com o animal.

Relativamente ao segundo objetivo central desta dissertação, passa pela desconstrução das várias emoções presentes na relação do dono com o animal de estimação: quais são as emoções positivas e negativas e perceber como estas afetam a dinâmica/relação entre o dono e o animal.

Para terminar, tentar-se-á perceber (3) os processos circundantes das atitudes em relação à morte dos animais: analisando a comunicação entre a emoção e a razão, por exemplo, no processo de tomada de decisão em caso de abate do *pet*; como o dono reage com a (possível) morte do seu animal e os seus motivos; se haverá alguma semelhança da atitude face à morte do animal e à morte de um ente querido.

Deste modo, o universo de estudo seria composto de indivíduos residentes em Portugal (mais concretamente em Lisboa) que já se tenham relacionado com pelo menos um animal de estimação, sendo que a pergunta de partida é: De que forma as representações sociais poderão afetar as atitudes perante a (possível) morte dos animais de estimação?

Para se testar estas interrogações, a investigação concentrou-se (através de entrevistas semidiretivas), em 13 indivíduos que residem na zona de Lisboa e que já

tiveram, pelo menos, um animal de estimação. Relativamente a indicadores como sexo e idade, não há intencionalidade de os abranger de forma representativa – contrariando a tendência de algumas investigações, como por exemplo, Machado Pais (2006) em que se refere aos animais de estimação enquanto uma solução para a solidão nos idosos.

Foi realizada uma amostra por conveniência, sem preocupações probabilistas, mas que teve em atenção a disponibilidade e acessibilidade dos entrevistados. A investigadora questionou, na rede social do *Facebook*, (nos grupos de vegetarianismo/vegans de Portugal e da Associação Portuguesa de Direitos dos Animais), as pessoas que residiam em Lisboa, que tinham um animal de estimação e que dispunham de tempo para a realização da entrevista. Estes resultados foram complementados com uma observação direta, realizada na fase exploratória da investigação, numa sala de espera de uma clínica veterinária em Lisboa, de modo a auxiliar e extrair as emoções associadas à relação humano/*pet* (é relevante realçar desde já o fato de esta observação ter sido interrompida nos tempos iniciais da mesma, mas que não se excluiu nenhuma nota colocada no diário de campo).

Tendo em conta os objetivos, esta investigação dividir-se-á em quatro capítulos, sendo que no primeiro já se inclui esta apresentação, os objetivos e a metodologia.

O segundo capítulo será intitulado de estrutura conceptual e problematização. É a partir deste que será realizada a problematização dos objetivos da investigação. Procurar-se-á definir o conceito de representações sociais. Estas estão relacionadas com as opiniões para interpretar o quotidiano, tanto ao nível individual ou de grupo, de forma a transferir um maior sentido e organizar os interesses comuns (Costa 2006). As representações sociais não são estáveis e verifica-se que os indivíduos personificam cada vez mais os *pets* (que certas características, associadas à caracterização humana, passam também a qualificar os animais não humanos). Sendo que se torna fundamental para auxiliar na pergunta: o que é um animal de estimação? De que forma este é visto pelo individuo e como é tratado.

Também serão abordadas as emoções. Torna-se relevante porque assume-se que a relação do dono com o animal de estimação possui uma conotação afetiva e que estas poderão influenciar certos processos de tomada de decisão. As emoções são “*coleções de respostas reflexas cujo conjunto pode atingir níveis de elaboração e coordenação extraordinários*” (Damásio 2003, 60). Assim extrair-se-ão as emoções associadas aos animais de estimação.

A morte enquanto o fim da vida, o caso da eutanásia e a exposição dos rituais fúnebres, serão também comentados, visto ser importante perceber as atitudes face à possibilidade da morte do animal de estimação. Por último, será estruturada a bibliografia literária relativa às investigações referentes à relação humana com animais não-humanos, abordando, assim, algumas das transformações existentes nas relações com animais de estimação; o fator cultural na relação; a humanização e o efeito da relação com o animal.

O terceiro capítulo é denominado de opção metodológica, no qual estará presente a grelha analítica utilizada para auxiliar as respostas às perguntas acima mencionadas, bem como todas as discussões, limitações e procedimentos qualitativos (referente às entrevistas semidiretivas e observação etnográfica).

Por fim, o último e quarto capítulo é totalmente dedicado às conclusões desta investigação. Da qual se mobilizou entre as teorias e premissas extraídas no quadro literário e os resultados das entrevistas e da observação, sendo este intitulado de apresentação dos resultados. Não querendo descortinar as conclusões, será abordada a representação associada aos animais de estimação; os elementos negativos e positivos articulados aos *pets*; os motivos da introdução do animal na vida da pessoa; qual a liberdade do animal e a sua posição no espaço doméstico; a escolha do nome para esse *pet*; o papel da socialização com o animal; os motivos para se deixar de ter um animal; a opinião sobre o tema da morte e as atitudes adotadas; e por último, as emoções presenciadas pela investigadora.

CAPÍTULO II: ESTRUTURA CONCEPTUAL E PROBLEMATIZAÇÃO

1. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, O CONCEITO

Num enquadramento teórico, uma das centralidades desta investigação tem como enfoque as representações sociais – pois são estas que se tentam analisar relativamente aos animais de estimação.

Durkheim (Sêga 2000, 128) foi um dos primeiros investigadores a focar-se neste conceito, apelidando-o de *representações coletivas*. Este considerava que elas eram desenvolvidas pelos indivíduos e pelos grupos e que serviam para interpretar a realidade, para vincar as posições sociais relativamente a situações e comunicações.

O conceito refere-se a uma ideia, que é partilhada por um grupo, perante uma situação ou até mesmo um objeto, e possui a capacidade de moldar a interação e os comportamentos humanos. São maioritariamente associadas ao nível cognitivo e ao conhecimento de senso comum, mas também representam uma parte da componente social, “*as representações sociais funcionam como elemento de articulação entre o individual e o social*” (Lourenço e Lisboa 1992, 27).

Moscovici também se debruçou perante este conceito, tratando-o de forma mais complexo e diverso. Para o autor, as representações sociais diferenciam “*o pensamento social do pensamento individual —, considerando a representação social como uma modalidade de conhecimento particular que tem por função, entre outras, a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.*” (Moscovici 1994, 188), de forma a ajudá-los a interpretar a realidade quotidiana e a poderem tomar certas posições em relação a esta, “*é em função das representações (e não necessariamente das realidades) que se movem indivíduos e coletividades*” (Oliveira 2003, 182).

As representações sociais podem ser observadas, objetivadas e analisadas, - tanto nas práticas de um ator como nos seus discursos e formas de comunicação - “*é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade*” (Sêga 2000, 128-129); patenteiam uma mediação entre o objetivo e o subjetivo; entre o objeto e o homem; a realidade e a imaginação, e o esperado e o inesperado. São “*transcrições das necessidades dos indivíduos e dos grupos em*

manifestar a sua opinião, de explicar as situações sociais em que participam e de dar respostas às solicitações dos outros” (Lourenço e Lisboa 2006, 27-28).

Uma outra característica deste conceito é a sua flexibilidade, por exemplo, quando existe uma grande transformação/revolução social, numa cultura, pode, conseqüentemente, criar novas representações que comportam novos comportamentos, mas que não implicam a substituição das anteriores (Oliveira 2003, 183).

Sobre um mesmo objeto podem existir inúmeras representações sociais de diversos grupos, que variam conforme o contexto socio-histórico, por exemplo, o facto de um individuo pertencer a uma religião diferente, influenciará a percepção que confere perante uma situação/objeto, *“não eram as mesmas para todos os membros da sociedade, pois dependiam tanto do conhecimento de senso comum (ou popular), como do contexto sociocultural em que os indivíduos estavam inseridos” (Idem, Ibidem, 181).*

Segundo Jodelet, as representações sociais estão presentes nos discursos e condutas e têm como objetivo guiar os atores no quotidiano, *“é uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet 1989, 4-5).*

Em modo de conclusão deste tópico, as representações sociais são uma forma de pensar a realidade, são consideradas elementos informativos e descritos como normativos de crenças/valores/imagens da realidade e que foram construídas através de experiências individuais e de interesses comuns.

2. AS EMOÇÕES

Será necessário realizar-se uma simplificada definição do conceito de emoções, pois são estas que serão posteriormente extraídas para se perceber a relação entre humanos e *pets*. O conceito de emoções era, inicialmente, simplificado pelas ciências “exatas/naturais”. A biologia descreve-as como respostas químicas e neurais resultantes de processos fisiológicos e bioquímicos. Com o avançar das pesquisas, as emoções são descritas como sensores que envolvem o corpo humano à Natureza enquanto um ambiente social, “*estados internos da pessoa que envolvem interações entre o sujeito e um objeto, tais como sentimentos, estados de satisfação ou ativação de determinado padrão motor*” (Frijda cit. in Sauerbronn and Ayrosa and Barros 2009, 170).

Hochschild define-as enquanto um agente que tem como principal função relatar o que o indivíduo está a ver, conforme a sua expectativa inicial e introduz as reações que se deverá adotar perante uma determinada situação. São “*um mensageiro do self*” (Hoschild cit. in Bonelli 2004, 358) que molda a relação entre o objeto e os sentimentos dos atores.

Damásio foi um dos principais neurocientistas nacionais a estudar o papel das emoções, pois estas são um meio de avaliação, complexo, do indivíduo perante o ambiente em seu redor, “*coleções de respostas reflexas cujo conjunto pode atingir níveis de elaboração e coordenação extraordinários*” (Damásio 2003, 60).

Erradamente, algumas palavras – no senso-comum - são atribuídas diretamente às emoções, “*Ao longo da história, inúmeros conceitos foram criados para se referirem a ela: paixões, sentimentos, percepções, sensações, perturbações, distúrbios, condutas, hábitos, valores morais, desarmonias do organismo entre outros*” (Andrade and Rielli s.d., 5). Estes dois elementos estão paralelamente conectados, não são exatamente o mesmo, porque, apesar de todas as emoções provocarem sentimento, nem todos os sentimentos nascem das emoções (Damásio 1995).

A emoção está relacionada à conceção fisiológica que pode ser realizada para o público. Já os sentimentos estão associados aos pensamentos e não podem ser detetados por terceiros “*relacionado a aspectos cognitivos, envolvendo circuitos neuronais subcorticais e corticais*” (Darwich 2005, 219). São uma forma de qualificar uma percepção/memória que é recordada e que não faz parte do corpo (Damásio 1995), por exemplo, lembrar uma música ou um cheiro de um perfume

Exposto a sua definição, em que as emoções e os sentimentos são sensores que ligam o nosso corpo ao ambiente social envolvente, à natureza, é importante salientar que, nesta investigação, é esperado certos tipos de emoções associadas a ambientes específicos. Como por exemplo, em contexto de veterinário, em que o animal se encontra num estado de saúde mais crítico, a carga emocional mais presente é a de tristeza e a nível comportamental, é o choro das pessoas.

2.1. EMOÇÃO ENQUANTO ELEMENTO ISOLADO

Ainda no enquadramento das emoções, ao se navegar pela sua literatura, percebe-se uma certa dicotomia entre o que é emoção e razão. Esta discussão torna-se importante nesta investigação em casos de eutanásia ou nos motivos e responsabilidades em se trazer um animal de estimação para o espaço doméstico (analisando os aspetos positivos, da emoção, com os negativos, a razão).

Defendia-se a perspetiva que ambos os elementos deveriam ser marginalizados para se tomar certas decisões no quotidiano, “*que decisões sensatas provêm de uma cabeça fria e de que emoções e razão se misturam tanto quanto a água e o azeite (...) tanto em termos mentais como em termos neurológicos.*” (Damásio 1995, 13).

Através do estudo de alguns pacientes que possuíam lesões nos lobos pré-frontais, Damásio (1995) conseguiu refutar estes princípios (da separação dos dois elementos), demonstrando que era através do diálogo, entre a emoção e razão, que se tomam as decisões para planear o futuro (sendo este um elemento incerto). Os pacientes, antes de terem algum tipo de acidente que afetasse regras sociais, trabalhavam e preocupavam-se com amigos/família; após o acidente, eles começaram a apresentar bastante dificuldade no processo de toma de decisão e não respeitavam as normas sociais.

Torna-se sensato afirmar que, face às conclusões expostas, evitar-se-á pensar na razão como o único elemento central no processo de tomada de decisão, nomeadamente, em caso de adoção de um animal, ou em caso de abate.

Retomando o enquadramento das emoções, é mencionada, na literatura deste tema, a perspetiva do dualismo da substância, em que há uma desunião entre a mente versus o corpo, como se fossem dois elementos distintos. Isto é, o corpo seria a substância física, que se pode tatear; e a mente seria a substância não física, apenas presente no vago do imaginário.

Apesar de Descartes abordar esta dicotomia, afirmando que “*emoções acontecem no contexto da alma – um processo de percepção do nosso eu real – e que se relaciona com o nosso corpo, com todas as alterações passíveis de se verificarem*” (Descartes cit. in Cerejo 2014, 190), Damásio considera a sua justificação simplista, pois apenas mencionava um elemento (pensamento) enquanto parte envolvente do corpo, e que se deve explicar e analisar mais aprofundadamente o processo para não se continuar a separar o ato de pensar do cérebro enquanto órgão do corpo (Damásio 1995, 253).

Damásio (1995) defende a necessária e constante relação entre ambas as características, há o corpo com mente, e a mente com corpo: são organismos complexos, pois, todos os músculos/órgãos enviam sinais para o cérebro, através dos nervos e das correntes sanguíneas, que influenciam diretamente a estimulação cerebral; o cérebro produz igualmente substâncias químicas, que são emitidas para os organismos do corpo.

O corpo, enquanto *coisa*, possui alicerces e estruturas que envolvem o cérebro e tudo o que lhe está associado (emoções, razão, etc.) e estão mutuamente interligados, pois umas das principais funções deste segundo elemento, é perceber o que ocorre com o corpo e garantir a sua sobrevivência através da classificação de situações e de objetos,

“o facto de um dado organismo possuir uma mente significa que ele forma representações neurais que se podem tornar em imagens que são manipuladas num processo chamado pensamento, o qual acaba por influenciar o comportamento em virtude do auxílio que confere em termos de previsão e da escolha da próxima acção” (Damásio 1995, 105).

Em forma de súmula, para se tomar uma decisão há um conjunto de processos que envolvem a cabeça, razão, o coração, emoção e todo o tipo de membros relacionados com o corpo, isto é, o indivíduo é um todo, um organismo que procura hipóteses de respostas em conformidade com os sinais que vai recebendo do meio físico envolvente.

2.2. OS VÁRIOS TIPOS DE EMOÇÕES

Prosseguindo para as várias composições das emoções, e consciente da complexidade desta temática, será simplifadamente convocado nesta investigação, devido às várias emoções que se espera encontrar nos entrevistados. Ou seja, achou-se necessário enunciar a literatura dos vários tipos de emoções para fundamentar o objeto de estudo, a grelha analítica e posteriormente a análise das entrevistas

Segundo Darwin, as emoções fazem parte do processo evolucionista e, naturalmente, existem as primárias que são compostas pela felicidade, raiva, medo, tristeza, - posteriormente, outros autores acrescentam mais tipos - surpresa, e desdém que se tornam também universalmente aplicável a todos os contextos culturais (Cerejo 2014, 194). Estas fazem parte da nossa “*herança genética*” (Oatlye and Jekins cit. in Cerejo 2014, 194).

Relativamente às emoções secundárias, tais como a gratidão, vergonha, ciúme e confiança, Simmel é um dos autores que as distingue, “*as emoções primárias ocorrem quando as interações são causadas pelas emoções; as secundárias ocorrem quando as emoções são o resultado dessas interações*” (Simmel in Cerejo 2014, 195), ou seja, as primárias que são de origem fisiológicas “*tornam-se elaboradas a partir de rótulos, significados e definições sociais relacionados a diferentes condições de interação e de organização social*” (Kemper cit. in Sauerbronn and Ayrosa and Barros 2009, 176); já as secundárias são adquiridas através de experiências emocionais, específicas, que o indivíduo teria ao longo da sua vida.

Damásio (1995, 2003) categoriza três tipos de emoções: (1) as emoções de fundo, que são manifestações/reações do humor do indivíduo, mais subtis, tais como, a força de movimentos; (2) as emoções primárias/básicas, que são mais facilmente identificáveis, correspondendo a um conjunto de emoções inscritas geneticamente que não depende da cultura nem da socialização de um indivíduo (o medo, a surpresa, o nojo, a tristeza, a zanga e a felicidade), e são ativadas quando os córtices sensoriais detetam e categorizam uma situação; e, por último, (3) as emoções sociais, que são derivações das emoções primárias mas são alvo do processo de aprendizagem das normas sociais e requerem socialização do ambiente envolvente de um indivíduo, (a simpatia, compaixão, embaraço, vergonha, culpa, orgulho, ciúme, inveja, gratidão, admiração, espanto, indignação e o desprezo).

As emoções variam de acordo com o espaço socio-histórico de um indivíduo (fatores socioculturais e experiências emocionais), enquanto alvo de um processo de aprendizagem, - patenteado e inserido na estrutura social - estas são socialmente adquiridas, e, conseqüentemente, derivam de interpretações com significados, também estes sociais (mais uma vez, dependendo da forma como se foi socializado). O oposto, é igualmente verificado, em que o contexto social é diretamente influenciado pelas emoções “*Kemper (1981), por exemplo, assume que certas classes de eventos*

situacionais (decrementos de poder e status, mais notadamente) estimulam direta e universalmente a mesma emoção” (Sauerbronn and Ayrosa and Barros 2009, 176).

Sublinhando, mais uma vez, o facto das emoções secundárias/sociais serem alvo de um processo de assimilação daquilo que está inserido na estrutura social, logo são socialmente adquiridas e construídas, dever-se-á analisá-las de forma a não se omitir totalmente o ambiente (história/cultura) de um indivíduo. Princípio relevante no processo de realização das entrevistas semidiretivas, onde se questionará o indivíduo sobre os locais que tenha coabitado com o animal, sobre o convívio que usufruiu com o mesmo e tentar-se-á perceber qual o tipo de premissas que foram divulgadas nas diversas estruturais sociais.

3. A MORTE

É fundamental estabelecer que, nesta investigação, a morte é considerada o fim total/completo da vida, apoiando a premissa de Morin, em que afirma a existência de uma oposição entre vida e morte (Morin 1970, 255), querendo assim excluir qualquer debate sobre a vida pós morte, “*consiste em considerar o que mais íntimo existe nas sociedades, isto é, a forma como o homem vive e representa a vida, habita os espaços e se projecta no futuro*” (Fernandes 1988, 532)

Tentar-se-á perceber, de forma bastante superficial, qual a opinião dos atores em relação a este tema, de forma a comparar as suas perceções da morte de um humano, principalmente de um ente-querido, com a morte do *pet*. Posto isto, Ana Cristina Araújo, na sua obra, *A Morte em Lisboa: Atitudes e Representações: 1700-1830*, retrata todas as suas características, tais como, interrogações, os seus rituais e os seus processos (o antes e o depois) em que correlaciona a sua componente simbólica com uma determinada época e cultura (Araújo 1997, 437).

Segundo Delarissa, o animal de estimação, numa relação com uma criança, pode ser usado como primeiro contacto com a morte, cujos progenitores utilizam a referência da morte do animal como forma de incutir e educar sobre alguns factos básicos da vida/morte (Delarissa 2003, 144). Quando se presencia a morte de alguém ou do animal companheiro pela primeira vez, há uma subsequência mentalização da pessoa para compreender melhor uma morte futura, - daí uma das premissas desta investigação ser a relação entre a primeira experiência da morte de um animal e o nível de sofrimento.

A eutanásia de animais torna-se, também, um subcapítulo interessante neste tema. Esta é um ato praticado por entidades competentes (tais como médicos e veterinários) que consiste na morte deliberada do paciente. António Fernandes (1988) distingue dois tipos de eutanásia: a utilitarista (que é vista numa perspetiva economista, enquanto um peso e responsabilidade financeira) e a humanitária (sendo esta a mais normativa em que se aposta na qualidade de vida e não na longevidade, pois o principal foco é a felicidade do paciente de forma a não sofrerem mais). Sendo aqui mais relevante a humanitária, encontra-se presente no diálogo entre emoção e razão, da qual a eutanásia é vista como a solução ao problema do sofrimento. Sendo que o animal é impossibilitado para decidir o seu destino, são os humanos (normalmente os donos) que detêm desse poder de decisão e assim, caso concordem com o abate do mesmo, poder-se-ão sentir culpabilizadas

(Fernandes 1988, 533). Fernandes (1990) também expõe a dualidade de substância (que já foi anteriormente abordada) entre o corpo *versus* a mente quando se objetiva o humanos nos casos de eutanásia.

Apesar de, em Portugal, a eutanásia ser considerada crime em relação a seres humanos (Pinto e Cunha, 2016, 39), é, no entanto, aceitável quando se tratam dos seres animais, desde que se encontrem afetados com alguma patologia incurável e/ou contagiosa, apresente sofrimento e apresente perigo público.

3.1. OS RITUAIS FÚNEBRES

É relevante, para a investigação, perceber que representações sociais estão associadas aos *pets* – assumindo a conotação afetiva -, mas, também interligá-las com as possíveis atitudes evolutivas à morte do animal, isto também relativo aos rituais da morte, tais como, luto e o funeral. Ressalva-se que, a reação que um ator vai ter perante a morte de um animal ou de um ente querido, vai depender de várias variáveis, por exemplo, a propaganda de género, em que normalmente, as mulheres são mais emotivas e os homens são mais racionais (Cerejo 2014, 235-236).

Nos últimos anos, é comumente aceitável realizar os mesmos rituais fúnebres aos animais que outrora eram associados aos humanos. Relativamente ao luto, este é considerado uma disposição de comportamentos mais deprimidos por parte das pessoas que tomaram conhecimento ou passaram pela experiência da morte de alguém, mas que não implica necessariamente o completo falecimento. Ou seja o luto, também pode ser uma preparação mental para quando se começa a identificar alguns sinais relativos à morte, (Araújo 1997, 229), por exemplo, em casos de pessoas que já alcançaram a idade superior à sua esperança média de vida e sofrem de alguma doença grave.

Já o funeral, que inclui o enterro e a sepultura, acarreta consigo perturbações emocionais de uma conotação negativas. É esperado que os vivos, que realizam o funeral, demonstrem emoções como a tristeza, (Morin 1970, 26-27). Ambos podem ser associados a uma preocupação, carinho ou atenção por parte da pessoa que os realiza perante a pessoa que faleceu (ou poderá futuramente falecer). Ou seja, será interessante perceber se os esses indivíduos também praticam os mesmos rituais fúnebres aos (seus) animais de estimação.

4. A RELAÇÃO ENTRE HUMANO E ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

A sensibilidade e a curiosidade dos atores perante os animais têm vindo a crescer cada vez mais. Por exemplo, sempre que esta investigação era referida a terceiros, estes sugeriam sempre uma opção alternativa a acrescentar, tal como a tourada, etc. Por isso, no enquadramento das investigações científicas é normativo delinear e focalizar o universo de pesquisa a um campo.

É do senso-comum e ensina-se que os humanos nascem macacos. Desde Darwin, descendemos todos dos primatas e apesar de haver uma menor acentuação da dualidade entre o Homem *versus* a Natureza, continua-se a defender a hierarquia, em que o Homem está no topo da pirâmide, contrariando os outros seres que continuam envolvidos na Natureza, através da civilização e cultura (Morin 2010, 2). Quando o Homem foge das normas sociais e reage aos seus instintos básicos de sobrevivência, tais como a reprodução, a respiração, a locomoção, a alimentação e a comunicação (Mamede 1995, 11), evidencia a sua animalidade. Por isso, apesar de sermos todos animais, distingue-se os animais racionais (humanos) dos não racionais (animais/plantas/máquinas), sendo que, os primeiros são caracterizados através do condicionamento comportamental da cultura social, do sistema de trabalho e dos restantes sistemas de convívio (Mamede 1995, 143).

Como não se pretende realizar juízos de valor, entre os humanos e os animais não humanos, utilizar-se-á estes termos como alternativa dos “racionais” e “não racionais”, (devido ao seu debate complexo).

Existem investigações que comparam os animais domésticos com os selvagens, chegando à conclusão que um mesmo animal – ou parentes próximos – quando é domesticado começa a possuir membros mais curtos e mais gordos (Chauvin 1963).

Diversos autores focaram-se em demonstrar que os animais também estão organizados numa estrutura, que se compara à estrutura social do Homem. Remy Chauvin (1963) estuda vários conjuntos de animais, (como por exemplo, as formigas) e confirma que certas características, que até então caracterizavam a sociedade humana, também estão presentes na sociedade animal (não-humana). Sebeol afirma que o comportamento animal é organizado através da comunicação própria dos animais, que determinados comportamentos deste são interpretações, recebidas, que, posteriormente, originam outras mensagens (Morin referente a Sebeol 2010, 11).

Assume-se, aqui, que as representações sociais associadas aos animais de estimação, atravessam elementos mais complexos que vão para além da estrutura social do animal, e por isso, a estrutura e a organização – em relação à estrutura social do animal –, não serão tão relevantes quanto aos aspetos mais emocionais. Ou seja, não é prioritário referenciar o animal enquanto um elemento que pertence a um grupo organizado de outros animais da mesma espécie, mas sim enquanto um animal particular, ou até mesmo um amigo/familiar.

É importante revelar o porquê de se utilizar o conceito de “animais de estimação” e não de “animais domésticos”. Ora, o primeiro é referenciado como um animal que é humanizado, personalizado e que tem como finalidade a companhia e o bem-estar dos seus donos, *“qualquer animal possuído ou destinado a ser possuído pelo homem, designadamente em sua casa, para seu entretenimento e enquanto companhia”* (Decreto-lei 314/2003, 8445). Este termo possui uma maior carga afetiva, intimidade, proximidade e familiaridade. Já o segundo é alusivo ao animal selvagem que foi domesticado e consequentemente distingue-se por manifestações físicas e hereditárias dessas mesma domesticação (Lorenz 1975, 274). Todos os animais de estimação são domésticos, mas nem todos os animais domésticos são de estimação.

“A questão se torna complexa à medida que essa estima pode ultrapassar os limites daqueles animais com os quais mais diretamente convivemos e tratamos como domésticos, ao passo que nem todos aqueles que são domésticos, são objeto desses sentimentos” (Segata 2012, 69).

4.1. O FATOR CULTURAL NA RELAÇÃO

Para se analisar todo o sistema de valores associados aos animais, seria necessário realizar uma análise socio-espacial em que o mesmo está inserido, *“pode parecer inconcebível numa determinada sociedade o que noutra é uma regra de comportamento perfeitamente concebível e até necessária”* (Rodrigues 1980, 12). Por exemplo, os animais de gado, tais como os bovinos, são centrais no consumo da alimentação mediterrânea nacional, mas em alguns Estados na Índia, matar uma vaca é ilegal, pois ela é considerada sagrada para os hindus. Também há que se ter em conta o fator cultural socio-histórico em que o animal está inserido, por exemplo, o capital simbólico associado aos cães nas pinturas dos quadros de Elizabeth II e de Carlos V, *“os cães estão em pé,*

sentados ou deitados junto de seus donos na função de guarda-costas, companhia corajosa nas caçadas, símbolos de poder, vitalidade e devoção leal” (Berbler cit in Delarissa 2003, 81-82).

Em Portugal, ao se recuar nos anos, verifica-se que os animais, em grande medida, tinham como propósito o auxílio no trabalho e a questão da segurança. Hoje-em-dia, com a pressão dos mercados consumidores e com a maior preocupação pelo maior bem-estar dos animais, - por exemplo, a implementação de uma alimentação canina saudável, (Gameiro 2007, 1) - desenvolveram-se novos tipos de relações, *“houve um longo caminho a ser percorrido, que incluiu, necessariamente, uma série de investimentos que acalmaram ou que tentam tornar invisíveis as suas pulsões naturais”* (Segata 2012, 24).

Machado Pais (2006) ao analisar a solidão na velhice, focalizou um capítulo em que aborda o animal de estimação como resposta à fuga da solidão. A gradual necessidade de procurar soluções para a crescente componente de solidão poderá ser uma consequência da Modernidade. Como Beck defendia, a individualização em que *“o indivíduo passa a ser o ponto de referência central para si mesmo e para a sociedade”* (Beck cit in Westphal 2010, 420) está associada ao processo de modernização, em que há a libertação dos indivíduos às relações tradicionais – familiares, de classe, grupo social, etc. – e por outro lado, há o surgimento de novas dependências (Westphal 2010).

“Os animais domésticos sempre foram integrados nos relacionamentos sociais. Mas outrora, um gato sempre foi um gato (...) Agora são mais do que aparentemente são, são animais de estimação. Outrora, o pouso comum de cães e gatos era a rua para uns, o telhado para outros; actualmente houve um notável aburguesamento das espécies caninas e felinas, a partir do momento que passaram a «animais de companhia»” (Pais 2006, 283).

4.2. O EFEITO DA RELAÇÃO COM O ANIMAL

As representações sociais mudam e verifica-se que os indivíduos se tornaram mais protetores dos *pets*, *“de inúteis do passado, passam a membros da família, com mimos e títulos próprios de gentes, e hoje são considerados sujeitos de direito tendo suas vidas qualificadas e prolongadas”* (Segata 2012, 63). Houve uma certa personificação e humanização dos mesmos – em que certas características, que supostamente apenas

caracterizavam os humanos, como emoções, sentimentos e vontades, passam também a qualificar os animais não humanos, por exemplo, existe uma personalidade mais forte e independente associada aos gatos.

O tema da humanização dos animais é considerado um pouco controverso, pois existe uma dualidade neste assunto: por um lado, alguns animais são mortos em prol da sobrevivência humana, (basta considerar, por exemplo, a base alimentar nacional, que incide numa alimentação carnívora); ou poderão ser mortos devido a prazeres/lazeres dos seres humanos, (tais como a caça por desporto), e/ou casos de maus-tratos, exploração e abate de animais (dos que estão/são abandonados nas ruas e em canis, e dos que são utilizados para testes de laboratório). No entanto, há animais que têm excelentes condições de vida, que são tratados como membros da família, são vestidos com roupa idêntica à humana (Idem, Ibidem, 25) e chegam a ir para hotéis de luxo.

É vulgarmente dito que “o cão é o melhor amigo do homem”, não só os animais de estimação são humanizados, como os donos o seu caráter, no seu animal e utilizam-no como auxílio de autoconhecimento (Segata 2012, 43), transformando a forma como se relacionam e os representam. Deixa-se que os animais entrem na parte privada/íntima de um dono, e que (con)vivam em casa dos mesmos como se fosse família, fala-se com eles, preocupa-se com os seus problemas de patológicos, brinca-se com eles, etc. Consequentemente, realiza-se uma hibridez entre as características que separam a humanidade e a animalidade (Ingold cit in Segata 2012, 160).

Delarissa (2003), curiosamente, acrescenta o sentimento de inveja presente na relação pessoa *versus* animal. Este último não tem que se justificar perante as inúmeras normas existentes na estrutura social, por exemplo, o animal não precisa de pagar impostos, trabalhar e fica o dia todo em casa. Mas também afirma que o *pet* pode ser utilizado como instrumento para se ter um maior contacto com a natureza, exemplificando quando um dono possui um pássaro para criar um sentimento nostálgico do chilrear presente nos campos.

A demonstração de afeto que se tem perante o animal e a sua individualização (Barthes cit in Pais 2006, 297) é também presenciada quando o dono lhe associa um nome. Segundo Machado Pais (2006) existe 12 motivos para se ponderar na escolha desse nome ao animal: 1) uma expressão de afeto (por exemplo, Bonequinha); 2) valorização do animal que altera o plano linguístico (Nina enquanto diminutivo de menina); 3) nome de pessoas que tratam os animais em consonância com uma (Amélia, Chico); 4) filiações

clubistas (Leão, Dragão); 5) evocar memórias de personagens marcantes (Kitty e Riscas); 6) homenagem a figuras públicas (Obama, Picasso); 7) uma característica da relação animal e dono (Funny); 8) referente a comida e bebida (Bombom); 9) a alguma marca específica (Channel); 10) relativo ao comportamento do animal (Flecha, Traquina); 11) enquanto dimensões morfológicas e geométricas (Preto, Bolinha); 12) designativos de porte aristocrático (King, Princesa).

Objetivando o animal em si, apesar de existirem aspetos negativos, - tais como, as pulgas, zoonoses, raiva, leishmaniose, etc. – a relação com um animal de estimação é vista, maioritariamente, como benéfica, porque podem melhorar a auto estima das pessoas, oferecem conforto/companhia, melhoram as capacidades sociais e atividades no meio ambiente, por exemplo, através dos passeios higiénicos (Costa 2006, 31). Também possuem como objetivo proporcionar a reconstrução de um ambiente familiar; satisfazer a necessidade de afeto ou falta de alguém; o contato social e a recreação; servir de alimentos para terceiros e oferecer voluntariamente a necessidade de contato físico direto (Delarissa 2003, 27-28).

As interações sociais são baseadas em expectativas comportamentais, (Mann 1983), ou seja, quando se interage com alguém, espera-se que essa pessoa possua um certo tipo de comportamento e vice-versa. Também esta característica está presente na relação com os *pets*, e de facto, espera-se que um animal, devido à sua dependência e às suas características diferenciais de qualquer outro humano, (Pastori 2012, 24), cumpra determinados atributos, tais como lealdade, carinho, entusiasmo, e entrega total. Já o contrário, (isto na perspetiva humana). É requerido em troca, por parte dos *pets*, a sua manutenção para garantir a sua sobrevivência e bem-estar, tais como, passeios higiénicos, alimentação e idas ao veterinário.

Finalizando, é importante referir que esta relação é composta por obrigações legais, tais como: as garantias de um bem-estar adequado às necessidades fisiológicas do animal; a proteção e segurança do transporte de animais em viagens; a legalização do animal com o Chip de identificação eletrónica e o registo na base de dados nacional de canídeos e felinos no Sira ou Sicafe, (Decreto-lei 421/2004, 2545); o limite máximo de alojamento animal, em que nos apartamentos urbanos o limite é três cães ou quatro gatos e nas moradias rústicas o limite são seis animais adultos (Decreto-lei 314/2003, 8445); e por último, regras relativas ao comportamento social, que é obrigatório a colocação da coleira em lugares públicos (Decreto-lei 314/2003, 8447).

CAPÍTULO III: A OPÇÃO METODOLÓGICA

Seguindo o caminho das questões específicas formuladas – com a revisão da literatura finalizada –, apresenta-se a metodologia e abordagem utilizada para se atingir os objetivos desta investigação.

Primeiramente, foi construída uma grelha analítica (Quadro1), em que se apresenta a problemática da investigação, sendo esta a Relação entre Humanos e os Animais de Estimação que possui, conforme foi analisado no Capítulo II, três dimensões de análise (representações sociais, emoções e morte). Serão enumeradas as suas respectivas componentes e indicadores que, auxiliaram na construção do guião da entrevista e na análise de conteúdos das mesmas:

Problemática			
Relação entre Humanos e Animais de estimação			
Dimensões de análise	Componentes	Indicadores	Variáveis
Representações sociais	Social	Cães e gatos	
		Outros animais	Peixes, pássaros, tartarugas, coelhos, hamsters.
			Outros.
		Animal é domesticado	Engordou
			Tem características selvagens
	Contexto socio-histórico	Nacional	Urbano
			Rural
		Internacional	
	Positiva	Faz companhia	Parceiro para brincar
			Companheiro doméstico
		Provoca bem-estar	Conforto
			Desenvolve competências sociais
	Negativa	Mais uma responsabilidade	Questões de higiene
			Preocupação quando se vai de férias
			Restrições habitacionais
		Despesa extra	
		Não tem que obedecer às normas sociais	Magoa e entra em conflitos com outros seres (morde, arranja, aleija)
			Faz barulho (ladra/mia)
			Estraga utensílios e objetos da casa
		Comporta doenças específicas	
		Esperança média de vida é menor	
	Afetiva	Animal já vinha com nome	

		Não foi o dono a apelidá-lo	
		Escolha ponderada do nome	Expressão de afeto e/ou diminutivo
			Evoca algum gosto pessoal
			Designa comportamento/aspecto do animal
			Em memória de alguém ou outro animal
			Para animal memorizar mais facilmente
			Nome típico de humano
			Em homenagem a local/objeto/época especial
		Animal tem características humanas.	Querido e simpático.
			Ciumento.
			Medroso, tímido, carente
			Ansioso, traumatizado, stressado, deprimido
			Social.
			Calculista, interesseiro e autoritário.
			Hiperativo
			Comporta-se como uma criança
			Inteligente
			Protetor
		Animal comporta-se conforme o expectado para a sua espécie	Gatos são mais independentes, não obedecem tão facilmente, mais asseados e menos sociáveis.
			Cães mais leais, afetuosos, brincalhões, dão mais trabalho e dependem dos humanos.
			Cães comportam-se como gatos ou vice-versa.
		Animal tem características sobre-humanas.	Animais têm um 6º sentido e instintos incomuns
			Proporcionam um bem-estar inigualável
		Animal observado como humano	Animal enquanto elemento da família.
			Animal enquanto um amigo.

			Fala com o animal como fala para uma pessoa.
	Reprodução	Pessoa não conviveu com animais.	
		Já tinha convivido com animais	Conviveu positivamente.
			Conviveu negativamente.
		Convívio passado alterou a relação atual com animais.	
		Reproduz ideologias de comportamentos a adotar em prol do animal.	
		Em criança tinha curiosidade em ter animais.	
	Modelos de relação	Adotou o animal por vontade própria	Como forma de “substituir” alguém.
			Desenvolver competências sociais.
			Efetuar uma boa ação em prol do animal.
			Companhia doméstica.
			Curiosidade em ter um animal ou uma raça (com características) específica(s).
		Adotou o animal por vontade de terceiros	Agradar a outro membro familiar
			Oferta de terceiros.
		Introdução do animal mudou a sua rotina diária	Ajustar as despesas;
			Definir novos horários (em prol das necessidades do animal)
			Ter cuidados diários para garantir o bem-estar do animal (saúde, comida, acessórios e higiene)
			Arranjar espaço físico na habitação ou mudar de casa
			Criar estratégias para o novo pet não entrar em conflito outros membros domésticos
			Fazem questão de conviver com o animal
			Aprendem e ensinam novos comportamentos a adotar perante o animal.
		O animal não tem um dono específico, é da família.	Vivem na mesma casa que um animal, é de outro elemento.

			O animal não pode circular livremente dentro do espaço doméstico.
			Mudam de casa e deixam o animal com o resto da família
		Deixam de ter o animal.	
Problemática			
Relação entre Humanos e Animais de estimação			
Dimensões de análise	Componentes	Indicadores	Variáveis
Emoções	Emoções experienciadas	Felicidade.	Simpatia. Confiança. Admiração. Amor. Preocupação.
		Surpresa.	
		Nojo.	
		Tristeza.	
		Raiva.	
		Inveja.	
		Medo.	
		Vergonha.	
		Culpa	
Problemática			
Relação entre Humanos e Animais de estimação			
Dimensões de análise	Componentes	Indicadores	Variáveis
Morte	Atitude emocional, perante a (possível) morte do animal	Sofrem	
		São mais racionais	
		Sofrem conforme a expectativa da mesma.	Sofrem menos quando é expectável: animal atinge a esperança média de vida ou sofre alguma doença
			Sofrem mais quando não é expectável: animal morre inesperadamente de uma doença/acidente.
		Têm a mesma reação que tiveram com a morte de uma pessoa próxima.	
		Sofrem mais quando é a primeira vez que vivenciam a morte de um animal de estimação	
		Recusam pensar na possibilidade do animal morrer.	
	Atitude após a morte do animal	Não adotam outro animal.	Sentem que estão a trair o animal que faleceu
			Não querem sofrer mais
			Não querem trespassar essa responsabilidade
Adotam outro animal.			
Já tinham adotado outro animal antes para não sofrerem tanto.			

		Realizam rituais fúnebres.	Luto.
			Funeral/ Enterrar o animal.
		Realizam a eutanásia.	

Quadro 1- Grelha analítica das problemáticas, dimensões e indicadores da Análise de Conteúdo

Ressalva-se que toda a investigação está em constante revisão e correção, não sendo um processo sequenciado. Quando a grelha analítica foi inicialmente construída, posteriormente à revisão da literatura, abrangia outros indicadores, sendo estes (a) “Como forma de enfrentar medos/fobias”, enquanto integrante da componente dos “Motivos para se ter um animal”, e (b) a emoção “Inveja”; que foram posteriormente retirados, pois não se encontraram presentes nas entrevistas realizadas. É de ressaltar que a grande maioria foi acrescentada após a primeira entrevista.

Após a realização da primeira entrevista, e consequentemente nas restantes, foi construído uma outra coluna de análise, “Variáveis” com o objetivo de especificar/fechar cada indicador. Por exemplo, para se compreender a componente das características positivas, que possui como indicador “Não tem que obedecer às normas sociais”, tem como variáveis mais específicas, “magoa e entra em conflitos com outros seres (morde, arranja, aleija)”; “faz barulho (ladra/mia)”; “estraga utensílios e objetos da casa”.

Relativamente à construção do guião de entrevista (presente no Anexo1), o Quadro1 foi repartido por cada componente. Através deste processo, foram criadas e produzidas questões que pudessem validar ou contrariar cada indicador. Segue-se o Quadro2, exemplificando a componente afetiva:

Afetiva
Já alguma vez teve algum animal de estimação (e que neste momento já não o tem)? Foi só um ou já teve mais? Porque já não o(s) tem? A sua relação com ele(s) alguma vez mudou (foi sempre a mesma)? Porquê?
O animal vive dentro de casa ou fora? Porquê?
Vivia com o animal de estimação? (Se sim) Sozinhos ou acompanhados?
Tem neste momento algum animal de estimação?
Vive com o animal de estimação? Sozinhos ou acompanhados?
O(s) seu(s) animal(is) possuem nome? Qual é? Porque escolheu esse nome? Gosta do nome ou mudava-o?

Agregado familiar

Quadro 2 - Componente Afetiva na construção do Guião de Entrevista

Para auxiliar a análise de conteúdo das entrevistas semidiretivas e observação etnográfica, o Quadro1 foi analisado conforme dois processos: um maioritariamente quantitativo onde, num ficheiro Excel, foi quantificada a presença de cada indicador para cada entrevista, como se pode verificar no exemplo copiado do ficheiro em questão (presente em Anexo3, focalizando a componente Afetiva, escolha do nome):

Também se tornou interessante extrair a quantidade de entrevistados que, na análise da sua entrevista, mencionou esse indicador, por exemplo, das 13 entrevistas realizadas, 3 entrevistados referiram que a escolha do nome para um animal foi em homenagem a um local/objeto/época especial. Este tipo de análise quantitativa foi interessante para verificar que quando os entrevistados enunciavam diretamente os aspetos positivos e negativos das relações com os animais, os números extraídos dos negativos eram maiores, comparativamente aos positivos (sendo aqui um elemento surpresa das expectativas da investigadora). Também foi importante para enunciar a quantidade de variáveis emocionais que foram presentemente observadas durante as entrevistas.

Por último, a grelha do Quadro1 foi mais uma vez repartida conforme os componentes/indicadores/variáveis, e, após transcrição das entrevistas, foram citados todos os excertos relevantes para a presença do indicador de forma a facilitar o processo de comparação entre respostas. Passa-se a exemplificar no Quadro4, a mesma componente afetiva:

Afetiva	A escolha do nome
O animal já tinha nome	
<p>“Sissi é uma imperatriz da Áustria e ela... ela tem tudo menos ooo ... tinha tudo menos o... o ar de uma imperatriz” (Entrevistado1 2016, 5)</p> <p>“o Piruçás, já vinha com o nome” (Entrevistado1 2016, 9)</p> <p>(...) “Suki... é uma... é uma coisa bué parva, o nome não fomos nós que demos, aquilo foi o, o... foi o antigo dono (...) é uma expressão em Japonês (...), que é gosto de ti ou uma cena assim parecida” (Entrevistado9 2017, 11)</p>	

Dono(s) não escolheu o nome.
<p>“A minha mãe encontrou (...) uma, uma gata, a quem eu dei o nome de Ritinha” (Entrevistado1 2016, 13)</p> <p>(...) “[Cookie] Porque a minha irmã escolheu o nome” (Entrevistado10 2017, 1)</p> <p>“[Simba] acho que foi a... uma das filhas da vizinha do lado... ele já tem paí 6 anos, 6 ou 7 anos” (Entrevistado10 2017, 15)</p>
Escolha do nome foi ponderada
Expressão de afeto/ Diminutivo
<p>“Nina [sorri] e a Nocas e é ... Branquinha (...) imensos nomes que que essas alcunhas todas” (Entrevistado1 2016, 5) (...)</p>
Evoca algum gosto pessoal
<p>“Anúbis, Osíris e Or, eram três. Irmãos (...) porque gosto de mitologia. (...) São Deuses Egípcios.” (Entrevistado2 2017, 4)</p> <p>“[Chamon] porque isso aí é uma droga, é um derivado, um derivado não, um tipo de haxixe (...) achei que ia ser muito irreverente, queria ser muito irreverente e olha, dei esse nome, mas... agora sinto-me um bocado arrependida” (Entrevistado6 2017, 3) (...)</p> <p>“esse gato já tinha ficado decidido que ia ser o Woody, que era tipo o parceiro da Jessie, e depois mais tarde, passado para aí um mezito, encontrei um cão... e esse cão acabou por ser, por ser o Buzz... ou seja, ficou a time [equipa] completa” (Entrevistado12 2017, 3)</p>
Designa comportamento/aspecto do animal
<p>(...) “quando adotámos a, a Amelinha, tivemos ali umas hesitações, ainda pensámos chamar-lhe [tosse] Flecha, porque ela era hiper, era e é híper rápida, salta, voa, faz tabelas na parede e é, é doidinha, super enérgica, mas depois acabamos por nos decidir por Amélia, só que ela nunca aceitou o nome, tanto acabou por ficar [tosse] acabou por ficar a chamar-se Gata” (Entrevistado8 2017, 3)</p> <p>“[peixes] não tinham nome, que é uma estupidez, porque depois a meio do percurso pensei que era parvo agora do nada arranjar-lhes nomes... um tinha uma cauda muito grande e era o da cauda e o outro era mais pequenino, pronto, eu gostava realmente muito deles” (Entrevistado11 2017, 5)</p>
Em memória de alguém ou outro animal

<p>(...) “nós apanhámos a gata e, e era essa que era para vir inicialmente comigo, só... e nós tínhamos uma mania de, o nosso grupinho quando se juntava era “As anitas vão para não sei onde”, “As anitas vão” e a gata ficou Anita por causa desses momentos” (Entrevistado7 2017, 2)</p> <p>“e ele chama-se Chiquinho, porque... ah... foi, ele apareceu na casa do meu tio Chico” (Entrevistado8 2017, 2)</p> <p>“a minha ex-mulher, a Maria, quando era, quando era miúda tinha uma hamster... que ela adorava (...) que se chamava Amélia” (Entrevistado8 2017, 3) (...)</p>
<p align="center">Para animal memorizar mais facilmente</p>
<p>(...) “ele acho que tá bom assim, não é que eu goste muito do nome [sorri] mas ele já se habituou ao nome, não vale a pena mudar” (Entrevistado10 2017, 2)</p> <p>“porque sei que os gatos gostam do... do som “che” e do som “i” e é um nome pequeno e eu gosto de sushi, embora seja vegetariana, como sushi vegetariano e portanto (Entrevistado11 2017, 2) [sorrir] Sushi acho que é um nome pequenino e acho que os gatos gosta, pelo menos ela habituou-se logo ao nome” (Entrevistado11 2017, 3)</p>
<p align="center">Nome típico de humano</p>
<p>“o cágado era o Xico e a tartaruga era a Margarida” (Entrevistado7 2017, 8)</p> <p>“um esquilo-anão que era a Rita [ri-se], também não sei porquê, não faço ideia” (Entrevistado7 2017, 9)</p> <p>(...)</p> <p>“eu gosto do nome Alice, e a Ana escolheu Matilde” (Entrevistado13 2017, 5)</p>
<p align="center">Em homenagem a local/objeto/época especial</p>
<p>“ele tinha o nome tradicional, não era Tejo mas era assim um nome... desse tipo... aaahh” (Entrevistado1 2017, 12)</p> <p>“não tinha mesmo noção do que é que lhe havia de chamar... eu nunca gostei muito... o outro veio com o nome, o outro... porque foi perto do natal e dei-lhe o nome do pai natal, o Nicolau” (Entrevistado4 2017, 9)</p> <p>(...)</p>

Quadro 3- *Análise de Conteúdo da Componente Afetiva*

1. ENTREVISTAS SEMIDIRETIVAS, O MÉTODO

A investigação desenvolveu-se maioritariamente na abordagem qualitativa utilizando como principal instrumento sociológico a análise das entrevistas semidiretivas. A escolha deste instrumento deve-se à sua estrutura, que por ser mais aberta, possibilita ao entrevistado desabafar mais livremente para que se possa abordar outros aspetos que o investigador, inicialmente, não considerava relevantes para a pesquisa, mas sempre orientado pelos objetivos iniciais e pelo Guião de Entrevista. As entrevistas têm como objetivo: aprofundar e complementar as informações privilegiadas que poderão surgir posteriormente (Ruquoy 1997).

As limitações abrangem: 1) o facto de tentar encontrar indivíduos que preencham os requisitos; 2) que estes possam desconfiar das verdadeiras intenções da investigação; 3) para se tentar encontrar e marcar um local adequado para a realização da entrevista, “*o pesquisador (...) têm de realmente entrar em contato face a face com as pessoas que estão estudando*” (Mann 1983, 57); 4) para tentar conciliar o tempo da entrevista em conformidade com o tempo que o entrevistado dispõe; 5) por último, a sempre presente, mínima margem de erro, em que os entrevistados poderão não ser completamente sinceros nas suas respostas, “*deve ser capaz de verificar a validade do que é comunicado e não deve ter de confiar demais no informante*” (Mann 1983, 58);

Nesta investigação, toma-se conscientemente a presente escassez do número de indivíduos escolhidos para público representativo, isto é, da amostra, “*o valor da amostra passa a ser a sua adequação aos objectivos da investigação, tomando como princípio a diversificação das pessoas interrogadas e garantindo que nenhuma situação importante foi esquecida*” (Ruquoy 1997, 103). No entanto, haverá um intento em se explorar, ao máximo do que é possível de ser exequível, as respostas e as interações com o entrevistador.

2.1. ENTREVISTAS SEMIDIRETIVAS, A EXPERIÊNCIA

Foi então construído um guião de entrevista semiestruturado, que se encontra presente em Anexo1, e foram entrevistados 13 atores que tivessem pelo menos um animal de estimação. Realça-se, mais uma vez, que em relação a fatores como sexo e idade, abrangeu-se sem qualquer intencionalidade, visto não serem indicadores pertinentes para esta investigação.

Tinha-se inicialmente planeado recolher potenciais contactos enquanto realizava a observação etnográfica, (que será comentada no próximo subcapítulo). Não sendo possível proceder ao plano inicial, a investigadora contactou alguns atores pertencentes a três grupos na rede social, *Facebook*. Estes grupos foram: (1) a Associação Portuguesa de Direitos dos Animais²; (2) o grupo de Vegetarianos de Portugal³; e o (3) grupo de Vegetarianos e Vegans em Portugal⁴. A escolha destes três grupos referenciados deveu-se ao facto de grande parte dos membros presentes serem ativistas na defesa do bem-estar dos animais em Portugal. A seleção dos entrevistados passou por quatro fases principais: a primeira é referente à apresentação/introdução da investigadora nestes grupos, e aprovação por parte dos administradores (caso estes não concordassem com algum aspeto, teria que se retirar o pedido); na segunda fase foram realizadas umas perguntas *a priori* (disponíveis em Anexo2) para a investigadora compreender se, nas mais de 50 pessoas que demonstraram interesse em ser entrevistadas, entrariam na amostra, (por exemplo, alguns indivíduos não residiam no concelho de Lisboa); a terceira foi a conciliação dos horários de trabalho de ambas as partes, sendo que só se poderia realizar as entrevistas durante os dias de semana depois das 18 horas e 30 minutos, e exceionalmente, alguns fins-de-semanas a combinar; por último, a quarta fase passou por selecionar donos de animais de estimação que ainda demonstravam interesse, visto ser um processo demorado que implicava a presença dos mesmos, e que tiveram a amabilidade/disponibilidade de se deslocarem à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, (alguns acabaram por ignorar o entrevistador e/ou a desistir da entrevista).

Realizadas as 13 entrevistas, regra geral, os entrevistados foram relativamente acessíveis ao ponto de confiarem no entrevistador para desabafarem sobre algumas

² <https://www.facebook.com/groups/apdaa/>

³ <https://www.facebook.com/groups/vegetarianos.portugal/?ref=bookmarks>

⁴ <https://www.facebook.com/groups/557093631016912/?ref=bookmarks>

situações e demonstraram alguma preocupação em responder da melhor maneira que conseguiam.

2. OBSERVAÇÃO ETNOGRÁFICA, O MÉTODO

Na fase exploratória da investigação, a investigadora optou por uma observação etnográfica (também, inicialmente, para auxiliar a seleção dos entrevistados) na sala de espera de um Veterinário.

Esta técnica é uma forma da pesquisa de terreno, mais precisamente através da observação direta, *“a observação de uma situação total não é exequível nem provavelmente de qualquer utilidade para quem quer que seja. O importante é que observamos situações com uma finalidade”* (Mann 1983, 24). A vantagem prendeu-se, mormente, com a possibilidade de assistir e observar *in loco* as interações em que os processos são (re)produzidos, negociados e transformados.

Em detrimento de um procedimento de entrevistas em profundidade, na observação direta, dizem respeito ao facto de poder registar fenómenos de simultaneidade que não sejam relatados por um único indivíduo por um lado, e, por outro, prendem-se à possibilidade de registar acontecimentos discursivos mas também não discursivos.

Na observação direta, visto a investigadora não poder, necessariamente - só no caso da adoção de uma postura oculta, que tal, não se verificou - furtar-se à inserção no contexto estudado, uma questão se impõe: a da relação da investigadora com o contexto de investigação. Assim, há que delinear uma estratégia de acesso ao terreno: em que termos revelar a presença, a quem, que papéis sociais assumir – com todas as dificuldades e riscos que acarreta: negociar com os membros esse mesmo papel, transformá-lo conforme as necessidades da investigação mas também em consonância com as exigências do grupo estudado, etc. - a que *gatekeepers* recorrer e que justificações mobilizar. Uma regra prevalece: respeitar na íntegra os quadros de referência dos sujeitos investigados.

Como a investigadora está presente no campo das interações, tentou-se ao máximo não interferir, o que se torna desafiante neste tipo de sala de espera, da qual estão presentes tanto humanos como animais, sendo que estes últimos, não possuem conhecimento das normas sociais e, por isso, não se sentem “obrigados” e constrangidos a ignorar o estranho

que também está na sala, sendo que neste caso, para outros efeitos. Esta falta de envolvimento da investigadora perante a situação também dificulta a análise do diário de campo, porque as interações e comportamentos observados poderão estar fora de contexto, exemplo de um cliente que entra na sala de espera a chorar mas não diz os motivos para tal.

As outras limitações, associadas a esta técnica, devem-se ao facto de poder haver uma certa dificuldade na tentativa de contacto com diversos veterinários, assim como conseguir um entendimento cordial e em uníssono no estabelecimento de um horário adequado de modo a que estejam dispostos a que um investigador passe x horas na sala de espera do seu estabelecimento.

3.1. OBSERVAÇÃO ETNOGRÁFICA, A EXPERIÊNCIA

Após várias insistências, por parte da investigadora para realizar a observação na sua sala de espera com várias clínicas veterinárias, foi permitido estar presente numa específica, que, por motivos legais, será mantido o anonimato da mesma, apelidando-a assim de Veterinário Lisboa. Nas primeiras convivências realizadas neste veterinário, conseguiu-se conquistar a confiança de uma funcionária desse estabelecimento, a qual se tornou a *gatekeeper* deste processo. Esta facilitou a entrada no veterinário e negociou as questões burocráticas com as entidades hierárquicas, sendo a mediadora entre a investigadora e a hierarquia.

Inicialmente, o tempo previsto da observação seria de início de setembro de 2016 até Dezembro de 2016. Visto o processo de negociação ter sido mais demoroso do que o que estava previsto, foi redigida e entregue uma carta que expunha os objetivos da investigação enquanto tese de Mestrado e legitimava o intuito e a vinculação da investigadora para com a faculdade que está inserida. Esta carta foi assinada por ambas as partes e acordava realizar observação entre os dias 29 de setembro e 1 de dezembro.

O plano seria observar, no mínimo, uma hora, de segunda-feira a quinta-feira (e incluir algumas sextas-feiras), todas as interações decorrentes nessa sala. Após aconselhamento da *gatekeepers* (e por motivos profissionais/pessoais da investigadora), acordou-se que a hora mais apropriada seria das 19:00horas às 20:00horas, visto que é o intervalo horário em que há um maior volume de clientela, porque, a grande maioria de

agendamentos para consultas são depois dos empregados saírem do local de trabalho e antes de jantarem.

Com a garantia da *gatekeeper*, a investigadora dirigiu-se então no dia 29 de setembro de 2016, sendo uma quinta-feira, às 19:00Horas ao Veterinário Lisboa: falou com as funcionárias presentes, sentou-se numa das cadeiras disponíveis da sala, que estavam estrategicamente colocadas no formato L e começou, então, a observar.

Estas observações foram apontadas em notas num pequeno caderno, discreto, com uma caneta também modesta para não chamar muita atenção, “*normalmente extraímos de uma situação total aqueles aspetos que são relevantes para nosso interesse nessa situação*” (Mann 1983, 25). Houve um esforço da investigadora para se manter longe do foco da atenção por parte dos clientes, mas, depressa se apercebeu que, devido à disposição da sala, era facilmente reparado por parte dos membros presentes da mesma. Também é de salientar que, apesar de tentar disfarçar a escrita e da teatralidade para se difundir com os restantes clientes, as expressões de dúvida e suspeita por parte de terceiros era notada.

Para dificultar mais o método, a investigadora estava sempre sozinha, sentada, numa sala com oito cadeiras, e não era acompanhada de nenhum outro ser, sendo que o expectável nesse espaço é a companhia de um animal ou a requisição de algum serviço. Face a esta conclusão, deixou-se de anotar nesse mesmo caderno e começou a apontar no telemóvel, que é um comportamento normativo no quotidiano.

Relativamente à posição adotada, os funcionários possuíam conhecimento da investigação, mas os clientes não saberiam o propósito da sua presença, excetuando uma senhora com quem se interagiu com o intuito de a contactar futuramente para a realização da entrevista semidiretivas (que não se realizou). Como previsto, os animais que se encontravam soltos, mais propriamente os cães, interagiram várias vezes com a investigadora sem qualquer constrangimento; uma das cadelas até fez questão de se sentar em cima do pé do mesmo; e consequentemente fazia com que os donos/pessoas que os acompanhavam interagissem com a investigadora.

O grande obstáculo desta investigação foi no dia 4 de outubro de 2016, quando a investigadora se dirigira a meio do seu processo rotineiro de observação, e é convocada, por uma funcionária, para dentro do gabinete do gerente do Veterinário Lisboa. Este expôs a sua surpresa perante a investigação que estava a ser realizada no seu

estabelecimento, pois não teria tido conhecimento da mesma. Debateu-se alguns outros detalhes (tais como o facto de a investigadora não possuir seguro em caso de algum acidente e a suposta exposição, não consentida, dos cliente para esta investigação).

Foi realizado o pedido (da parte da investigadora) para não se prejudicar negativamente a *gatekeeper*, devido à falta de comunicação para com a chefia. E foram, então, negociadas outras novas soluções: que passariam pela observação da investigadora nas consultas privadas, após consentimento, tanto por parte dos clientes como pelos veterinários.

Para concluir, apesar da nova negociação ter sido positiva e verbalmente aceite, na altura, pelo diretor da Clínica Lisboa, este não se voltou a pronunciar e a comunicar com a investigadora (apesar das muitas insistências via eletrónica e pessoalmente). E, após longa reflexão, perante todos os detalhes a cima descritos, decidiu-se abdicar de novas observações (devido também às questões temporais e financeira), retirando o máximo proveito das horas observadas nos seis dias. Tratou-se de uma observação participante que foi limitada no espaço temporal - sendo um tempo ainda mais diminuto por ser uma investigação de mestrado.

CAPÍTULO IV: A APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

1. UM ANIMAL-DE-ESTIMAÇÃO A SÉRIO

Um dos princípios desta investigação é contrariar os clichés que existe em relação aos animais de estimação, sendo apenas considerados os cães e os gatos, como já foi anteriormente referido. Qualquer animal, seja réptil, mamífero ou inseto, se for representado enquanto um animal de estimação pela pessoa, então entra nesta mesma categoria,

“pode-se estender a qualquer tipo de animal que seja domesticável... ou que as pessoas achem que ser domesticável... por exemplo... às vezes há pessoas que pegam em animais exóticos e transformam-nos em animais de estimação, não, apesar de não serem muitas vezes considerados como tais, podem o... podem o ser” (Entrevistado9 2017, 1)

Pode-se, no início das conversações, comprovar esta premissa, da qual os entrevistados consideram que se deve tratar todos os animais da mesma forma, “*se o animal também for brincalhão, gosto de lhe fazer umas festinhas ou de brincar com ele (...) seja cão, seja gato, seja ovelha, seja cabra, seja cavalo*” (Entrevistado12 2017, 19), mas à medida que se vai avançando na entrevista, reconhecem que o tipo de relação que se tem com cães/gatos não é igual àquela que se têm com hámsteres, peixes, pássaros etc., “*pelo menos em comparação depois com o Rex, não é o mesmo tipo de relação que nós temos com os peixes, do que com... sei lá, com um mamífero*” (Entrevistado11 2017, 6). Apesar de gostarem de ambos e dos representarem como *pets*, consideram que estes animais em particular não se encontram na mesma categoria.

Esta representação influencia diretamente a relação que se tem para com o animal: quando a pessoa percebe o animal (que não é um cão ou um gato), como um animal de estimação enquanto companheiro e amigo, vai conviver com ele de forma a estabelecer um contacto mais próximo e íntimo, seja através de uma comunicação verbal (falar) ou táctil (brincadeiras com o mesmo), por exemplo, tira o coelho da gaiola e leva-o consigo para o jardim. Porém, e equiparavelmente aos outros dois animais, que são maioritariamente referidos, nunca é igual, “*consigo dizer que gosto mais da minha gata do que os meus hámsteres, pronto, apesar de considerar que eles sejam ambos animais de estimação*” (Entrevistado2 2017, 12)

A diferença entre animais que não são cães ou gatos, tais como coelhos, tartarugas, peixes, pássaros e hamsters é realçada quando estes estão confinados a um espaço próprio, como jaulas, gaiolas e aquários, que, apesar de se poder retirar por um determinado tempo, (exceto os peixes por questões de sobrevivência), afeta a relação/representação dos donos, *“coelhos... passarinhos... e então, com esses, é diferente (...) tanto ficava dentro da gaiola que eu tinha medo que acontecesse alguma coisa, que é uma responsabilidade muito grande”* (Entrevistado4 2017, 34). Há quem não considere estes animais enquanto *pets*, pois não concordam que estes estejam “presos” e confinados a esse mesmo espaço, em vez de estarem no seu “habitat natural”, *“lá em casa em gaiolas, isso não é comigo... não, nem, nem os peixes em aquários, isso não me diz nada, nem coelhos em gaiolas, nada disso”* (Entrevistado4 2017, 23).

Para realçar, quando se pedia para mencionar animais de estimação, todos os entrevistados referiram cão e gato, *“um gato... um cão... são os mais comuns”* (Entrevistado9 2017, 1). Já em relação aos restantes animais, 11 dos entrevistados refeririam também peixes, pássaros, hámsteres e/ou coelhos; e 5 mencionaram outro tipo de animais que, normalmente, eram referenciados conforme a vivência que a pessoa teve. Também relacionado com a socialização e convivência com animais de estimação, por exemplo, um pato e um grilo, *“na infância tinha tido um pato, ou, e um grilo, foi comprado na feira”* (Entrevistado5 2017, 12), estes, apesar de serem teoricamente referenciados enquanto animais de estimação, não são integralmente equiparados aos cães e gatos, *“eu queria muito ter animais de estimação quando era pequena, os meus pais não deixavam porque tínhamos um apartamento... ah... então eles arranjaram-me os peixes”* (Entrevistado11 2017, 5)

Paralelamente às teorias apresentadas perante as representações sociais, estas variam conforme o contexto socio-histórico que o indivíduo está inserido, sendo que é um dos pontos mencionados enquanto obstáculo desta investigação, visto que a amostra apenas se concentra na região de Lisboa. Este aspeto também é referido várias vezes, havendo dois tipos de contraste: o urbano versus o rural, *“Alentejo (...) meu avô, numa aldeia pronto, os cães, são cães de guarda não é? Ou seja, tão presos, o dia inteiro, comida não é ração, as sobras”* (Entrevistado6 2017, 12). Os animais nas aldeias rurais andam mais facilmente soltos e em liberdade nas ruas e, ocasionalmente, alimentados e acolhidos em espaços construídos para passarem a noite, uma espécie de casotas provisórias. Os cães têm como grande propósito a guarda das moradias e vivem grande

parte do tempo no jardim dessas moradias. Relativamente aos gatos, não há o hábito de se ter um gato enquanto animal de estimação, *“quando vou lá a aldeia, há lá dois ou três cães, eu adoro-os e tou sempre, passo muito tempo com eles, mas não há gatos”* (Entrevistado11 2017, 21). Também há a referência aos animais de “quinta”, como as vacas e ovelhas, mas não são considerados animais de estimação.

Ou seja, verifica-se que os cães/gatos que os donos possuem e que estão presentes no meio rural são exatamente da mesma espécie que os seus semelhantes fora deste contexto específico, mas os últimos não são representados como animais de estimação, e como tal, há uma maior distância na relação entre dono e animal, *“só que o Boxer era muita mau e... e mordeu em inclusive o rabo ao meu avô foi para uma quinta, para... para animal de guarda basicamente”* (Entrevistado9 2017, 3), consequentemente uma maior racionalidade e indiferença à morte dos mesmos, *“o gatito também, também teve assim um desfecho trágico, acho que foi, coisa que eles fazem muito no, na província, acho que foi... envenenado”* (Entrevistado8 2017, 7) e não correspondem às novas transformações modernas existentes desta relação, (Gameiro, 2007).

A questão nacional também se torna interessante, pois a representação e os comportamentos que se tem com os animais varia conforme o país, *“lá no Brasil ainda é pior, as pessoas são muito, não têm a mesma relação com os animais que têm aqui em casa, [corrige] aqui em Portugal”* (Entrevistado4 2017, 30).

Relacionando com Chauvin (1963), observa-se alguns aspetos consequentes da domesticação, tais como as alterações fisiológicas, o fato dos animais ficarem sedentários e com excesso de peso, *“dou-lhe aquilo tudo que ela precisa, cuidados médicos, comida, água, guloseimas, não devia comer porque já está bastante obesa...”* (Entrevistado2 2017, 5).

Apesar dos animais serem humanizados e vistos como uma pessoa, não o são, de facto. Estes integram-se mais numa categoria especial, onde a linha que separa o humano do animal é bastante ténue, confirmando a teoria de hibridez de espécies que Inglod (Segata 2012, 160)

“os meus 4 gatos são... são a minha família, são... não são humanos, claro, claro que um humano não é igual a um animal, mas não tem, não tem menos valor para mim que os humanos, como se fossem filhos-humanos” (Entrevistado8 2017, 1).

O *pet* é um animal domesticado que convive com os humanos no seu espaço doméstico, mas isto não implica que as suas particularidades selvagens (Lorenz, 1975) sejam completamente rejeitadas. Há uma maior atenção para a raça felina, principalmente se este for resgatado da rua, em aceitar comportamentos mais animais, tais como, o facto deste andar livremente na rua e voltar a casa conforme a sua vontade, o seu natural instinto de líder mais vinculado, menos sociais e caçadores, “*gostava muito de ir lá fora, ela pedia para ir lá fora a meio da noite e voltava de manhã com, dois e três ratos lá em cima do tapete*” (Entrevistado12 2017, 12)

Por último, a representação dos animais de estimação está associada à sua racionalidade, Mamede (1995). Sublinha-se e distingue-se a dualidade dos animais que não são humanos, Morin (2010) mas que poderão ser racionais e que possuem sentimentos igualitários aos humanos.

1.1. PRÓS E CONTRAS DOS ANIMAIS

Contrariando a expectativa inicial desta investigação, foram encontrados 13 aspetos negativos associados aos animais comparativamente aos 6 positivos. Os entrevistados enunciavam os aspetos positivos quando se questionava diretamente os mesmos e referiam vagamente os negativos enquanto uma responsabilidade a assumir. Mas quando se questionava as mudanças no quotidiano dos indivíduos, essa “lista” de responsabilidades e aspetos negativos ia aumentando gradualmente.

Enunciando então os positivos, estes devem-se principalmente à objetivação do animal, (Costa 2006) que o dono atribui aos animais. (1) É um amigo para brincar, principalmente nas crianças e adultos que gostam de se divertir, gostam de ir ter com o animal (no caso de este viver no jardim) ou chamar o animal para brincarem (também a presença de brinquedos tipo uma bola); (2) É uma companhia doméstica, principalmente em pessoas que passam muito tempo em casa, quando o animal está na mesma, e assim não se sentem sozinhas; (3) Ajuda no desenvolvimento de competências sociais, apesar da responsabilidade de levar o animal a passear à rua, há quem o “utilize” como uma desculpa para sair de casa e conviver com outras pessoas; (4) Ajuda a melhorar competências patológicas, referido principalmente nas crianças, também como forma de aprenderem a respeitar e simpatizar com a vida de um outro ser; (5) O animal mostra amor, alegria, carinho, lealdade e cumplicidade para com os donos e isso provoca consequentemente um (6) bem-estar individual.

Relativamente aos aspetos negativos enunciados destacam-se: (1) As questões de higiene, tais como o fato do animal largar pelo, e ter que se dar banho, principalmente aos cães; (2) As despesas de saúde (que inclui as do veterinário, vacinas, desparasitantes, comprimidos, e tratamentos) foram referidas por 69% dos entrevistados, sendo esta a maior percentagem deste indicador; (3) Também o consumo de comida específica, principalmente rações próprias; (4) A última característica no campo económico é referente aos gastos com utensílios extras (tais como roupa, camas, casas próprias, acessórios de transporte e brinquedos);

(5) É mais uma responsabilidade a assumir no agregado familiar, no sentido que se torna um outro Ser que não consegue cuidar de si, que é dependente e que precisa de bastantes cuidados/atenção para garantir a sua sobrevivência “*quer dizer, tenho aquela responsabilidade de ter(...) um animal para cuidar, a mesma coisa, que sei lá, ter um filho, sei lá eu não tenho filhos*” (Entrevistado2 2017, 6); A disponibilidade e (6) organização quotidiana para se ter tempo e vontade de passear o animal; (7) As restrições habitacionais por se ter um animal, mais evidentes quando se trata de um apartamento em que os cães de porte grande/médio não se adaptam tão facilmente, ou casos em que as regras do condómino e/ou lei não permitem animais em casa; (8) A possibilidade dos animais, que não são devidamente treinados, poderem morder, arranhar e aleijar outros seres (ao ponto de ser grave); (9) A intolerância do animal perante o outro relativamente ao ladrar/miar; (10) Situações relacionadas com a higiene ou danos materiais, nomeadamente quando o animal, por necessidades fisiológicas (defecar), o faz dentro de casa ou quando danifica certas decorações e móveis, utensílios, roupas e objetos da casa porque rói, arranha ou destrói de qualquer forma; (11) A preocupação em garantir o bem-estar do animal nas férias, quando os donos vão para casas que não são suas, de renda ou de familiares, por exemplo, e podem levar à vontade o animal mas têm sempre a preocupação de proporcionar uma viagem confortável e minimizar situações de *stress* face a um novo ambiente (desde ter que realizar uma viagem e deparar-se com um novo ambiente); casos em que têm cuidado e atenção em procurar alojamentos que permitem a entrada de animais; ou deixar o animal num hotel/família adotiva durante esse período de férias; quando não retiram o animal da sua habitação normal, mas têm que garantir que alguém se desloca lá para verificar se o mesmo continua com as mesmas condições condignas na sua ausência.

Um outro aspeto refere-se (12) à esperança média de vida do animal ser mais curta comparativamente à do humano, o que pode consequentemente criar maior sofrimento e preocupação; (13) O facto do animal entrar em conflito relacional com outros membros, tanto com outros animais como com outros habitantes, ou vice-versa, pois nem todas as pessoas gostam de animais; (14) Por último, as doenças específicas que estão associadas aos animais, tais como sarna, pulgas e carraças.

2. A INTRODUÇÃO DO ANIMAL NA VIDA DA PESSOA

Como já foi abordado nos aspetos negativos acima mencionados, ter um animal de estimação acarreta, inevitavelmente, bastantes responsabilidades, nomeadamente, a nível económico é preciso haver um ajuste nas despesas para se conseguir suportar o animal e não aumentar de forma acentuada as despesas mensais que possam pôr em risco o orçamento familiar.

As despesas veterinárias são bastantes caras, e existem obrigações legais, tais como o registo do animal e o *chip* de identificação, que o dono está obrigado a cumprir e que “pesam” na sua carteira, *“um cão ou um gato, só que eles fazem de forma que, tá tudo cadastrado, é obrigatório terem cadastrados, têm todos chip”* (Entrevistado4 2017, 31). A ração e comida própria para o animal, principalmente se este seguir uma dieta específica e recomendada por veterinários, também é considerada uma despesa notória. E alguns mimos extras também são adquiridos, *“nós compramos-lhes um daqueles, tubos para andarem a arranhar e tal”* (Entrevistado13 2017, 15), ou até mesmo obrigatórios, por lei, como a caixa transportadora em caso de viagens em transportes ou gaiolas/aquários.

Também associado às questões legais, há donos que acabam por mudar de casa, ou porque o condomínio não permitia, *“não podia levar o meu cão grande (...) eu pus a mão no ar na reunião do condomínio, «Quem é que quer comprar a minha casa?»”* (Entrevistado4 2017, 30), ou querem ter mais animais em casa, mas não têm espaço suficiente. Ainda relacionado com questões físicas da habitação existem casos em que se verifica uma alteração propositada da disposição deste espaço doméstico de forma a conciliar o quotidiano do indivíduo e os comportamentos do animal, por exemplo, quando o dono está fora de casa, deixa o cão no jardim, que tem uma cancela própria, de forma a cercá-lo, para não escavar o chão ou para não fugir, e quando voltam, deixam o animal circular livremente em toda a habitação.

Para garantir a qualidade de vida do animal, é preciso definir novos horários na dinâmica familiar, não só relativos a ir passear o animal à rua, para este realizar as suas necessidades fisiológicas, para caminhar, ou mesmo para o dono sair também de casa. Acarreta a necessidade de dispor tempo útil e de qualidade para dar atenção centralizada ao animal,

“aos fins-de-semana quando eu tinha mais tempo para tar com ele, interagir com ele, mas mesmo na faculdade eu tinha imensas situações de... o pessoal dizer «Vamos beber café, vamos fazer aquilo», e eu «Não, não, não, eu vou ficar com o Óscar em casa porque é são as horinhas que eu tenho para ficar com ele e tar divertida», mas era” (Entrevistado7 2017, 16)

A decisão de deixar o animal andar livremente pelo espaço doméstico pode estar diretamente relacionado com a espécie do animal. Animais como peixes, pássaros e roedores estão maioritariamente confinados dentro de aquários e gaiolas. Este aspeto é importante, pois afeta a representação e relação que o dono tem com o animal e posteriormente influencia a atitude com a morte dos mesmos,

“Fiquei triste... quer dizer... ah sim, na realidade, fiquei triste, chorei muito nesse dia, porque tava habituada é... nós mudamos de casa com o aquário [ri-se] em cima das minhas pernas... fiquei triste, mas acho... pelo menos em comparação depois com o Rex, não é o mesmo tipo de relação que nós temos com os peixes, do que com... sei lá, com um mamífero, por exemplo, mas não... passado um ou dois dias, tá tudo bem” (Entrevistado11 2017, 6)

A questão da liberdade do animal não é tão relevante no que concerne ao direito de circular livremente pelo espaço doméstico, mas, quando os donos fazem questão de conviver, pessoalmente, o maior tempo permitido/possível com o animal, no espaço que lhe é permitido, maioritariamente em espaços exteriores, *“a gente ia para a horta, levamo-lo lá pá, pá quinta, andava sempre atrás de nós também... aquela coisa de fazer companhia, de andar connosco”* (Entrevistado4 2017, 18).

Quando a pessoa não vive sozinha e pretende introduzir um ser não-humano neste espaço doméstico, precisa de equilibrar os interesses dos restantes membros familiares. Quando já existe um animal na habitação, há duas possíveis respostas: ou o novo animal se integra perfeitamente na convivência com o outro ou vai criar conflitos. No primeiro caso, é relativamente fácil a introdução do novo animal; já no segundo caso tornar-se-á evidente a necessidade de haver uma maior atenção e ação por parte do dono no intuito de encontrar formas dos animais se habituarem a viver na presença de cada um, *“Inicialmente, o gato tinha medo do cão, depois a gente... arranjou lá um estratagema, (...) fazendo festinhas a um, depois ao mesmo tempo festinhas a outro, começaram-se a*

cheirar, depois... habituaram-se” (Entrevistado12 2017, 6) e podiam acabar por desistir de tentar, evitando que os animais estejam no mesmo espaço ao mesmo tempo, *“tentava, evitava... ou estava com ele, ou estava com ela... estar com os dois ao mesmo tempo...”* (Entrevistado11 2017, 10) ou então, como forma de respeito ao animal já presente em casa, apesar de quererem introduzir um novo elemento, não o fazem.

Também é mencionado a conciliação das várias perspetivas de outros membros familiares, principalmente quando estes não apreciam ou se empenham tanto na relação que se tem com os animais domésticos. Embora haja quem acabe por aceitar a presença do animal no mesmo espaço de convívio, não são capazes de estabelecer as mesmas ideologias partilhadas pelos donos, situação que acaba por os entristecer e incutir sentimentos emocionais profundos,

“o meu pai, cada vez que via a gata, normalmente enxotava, ou tentava lhe fazer alguma demonstração de autoridade... ela de o meu pai tinha medo [tom preocupação]... pronto, com o passar do tempo, começou a aceitar e a ver que era normal, mas ela... durante longos anos... possivelmente foi até ao final da vida dela... tinha, tinha algum medo do meu pai [voz treme] cada vez que ele aparecia, ela encolhia-se ou qualquer coisa, sabia... que o meu pai era muito barulhento e... [olhos vermelhos com lágrimas] às vezes levantava-lhe a mão ou qualquer coisa” (Entrevistado12 2017, 13)

2.1. OS MOTIVOS DESSA INTRODUÇÃO

Foram encontrados oito motivos para se ter um animal de estimação. Começando pelos que são em prol das escolhas do dono, este pode adquirir um animal como forma de (1) “substituir” alguém. Pessoas que lhe eram queridas e partiram (faleceram ou saíram de casa) em que o *pet* ajuda a aliviar o sofrimento, ou então um casal que se confronta com a impossibilidade de ter um filho biológico ou adotivo e adota um animal, *“esposa tinha alguns problemas de fertilidade e ela queria ter um... um ser bebé que fosse humano (...) se ela não pudesse ter um bebé humano, nessa altura adotamos a Amelinha”* (Entrevistado8 2017, 2).

Tal como Costa (2006) também afirmou, o *pet* melhora a autoestima das pessoas e por isso pode ser adotado para (2) desenvolver competências sociais, e ajudar a melhorar patologias que o dono possui, *“para o João e para a Maria acho que é muito bom... a*

questão de... dos, de terem animais, porque pode, pode, pode ajudar a desenvolver o nível cognitivo deles” (Entrevistado13 2017, 15). A companhia do animal, a (3) questão do hábito de ter esta presença em casa, quando é considerada agradável, ou também a questão da (4) curiosidade em ter um animal, (que poderá ser associada com o papel do convívio), que se poderá traduzir no desejo de um outro elemento da família, principalmente os filhos, mas também na intenção de conhecer o comportamento de uma outra espécie (relacionada com a expectativa comportamental que se tem perante o gato/cão) ou de outra raça,

“se calhar o meu desejo de ter um gato, não, eu adoro cães, mas, eu estava habituada já a brincar com cães, já os conhecia e gostava realmente de ter um gato porque era para mim era um, um animal diferente, eu sei que têm feitios diferentes, e eu gostava de... de conhecer e de, de ver qual é que era o percurso de desenvolvimento, porque de um cão, os cães são mais ou menos parecidos... e um gato é um bocado diferente, e então... sempre quis ter um gato porque nunca tinha tido realmente essa aproximação como tinha com os cães” (Entrevistado11 2017, 21).

Numa perspetiva menos centrada no dono e mais centrada no *pet*, 11 dos 13 entrevistados mencionaram que um dos motivos para o terem adotado deve-se ao facto de (5) quererem ajudar, ou porque não se encontrava nas melhores condições higiénicas, pois eram vadios na rua, possivelmente por abandono, ou porque estavam numa associação/família que acolhe temporariamente os animais ou canis e poderia estar em risco de ser abatido, *“sempre fui sensível a esse, esse problema dos animais abandonados e etc. portanto escolhi... ir ao canil municipal, que na altura não tinha condições nenhumas”* (Entrevistado6 2017, 4). Há ainda situações em que os donos já possuem um animal no espaço doméstico e decidem (6) ter outro para fazer companhia ao inicial, *“eu entretanto tinha adotado outro cão velhinho, para fazer companhia a ele que já tava velhinho”* (Entrevistado3 2017, 4).

Transcendente à decisão inicial do dono, ou do elemento mais jovem que possui curiosidade em ter um animal, há a (7) aceitação do mesmo enquanto oferta. Exemplificando, casos em que os animais se tornam prendas de aniversário ou prendas de Natal, porque quem oferece tem conhecimento que supostamente o (futuro) dono gostaria de ter um animal. Perante esta situação de quase imposição, o recetor tende a uma não rejeição ao deparar-se com aquela oferta de quem lhe é, geralmente, próximo

“Os meus avós agora também têm uma gata! Que fui eu que trouxe de Évora [riu-se]”
(Entrevistado2 2017, 7).

2.2. A INTRODUÇÃO DA PESSOA NA VIDA DO ANIMAL

Descrevendo vagamente o relacionamento quotidiano do *pet* com o dono e quando ambos partilham o mesmo espaço, geram-se condições propícias de diversão, criam-se memórias individuais, *“a gente dizia “Dá a pata”, ela dava a direita, “Dá a patinha”, ela dava a esquerda, sabia perfeitamente a diferença entre “Senta-te” ou “Deita-te” (...) nós divertíamos-mos imenso”* (Entrevistado7 2017, 10) e relacionam-se amigavelmente enquanto dois companheiros que partilham o mesmo espaço e veem uma telenovela (programa televisivo) juntos. Estes laços relacionais também estão presentes mesmo quando não compartilham o mesmo espaço comum, ou quando o animal tem uma restrição habitacional e não pode andar livremente pela casa, mas os donos fazem questão de chamar num determinado momento para usufruírem da sua companhia, sempre que possível, *“na hora de vir embora pra cama eu chamo-a, o jardim é muito grande e como ela tá muito surda nós podemos tar aqui ao (...) ela não nos ouve”* (Entrevistado1 2016, 5); ou são os próprios donos que se deslocam para um espaço exterior, o jardim, por exemplo, para desfrutarem do seu *pet*.

Percebe-se também que o animal é importante e mantém uma posição vincada no espaço doméstico quando os donos consideram pertinente advertir, previamente, as pessoas não residentes habituais para adotarem certos tipos de comportamentos de modo a evitar situações de conflito com os animais domésticos, *“pra já eu tenho imenso medo que quando lá vai alguém a casa ... já digo “não cumprimentem, não olhem para elas, não lhes liguem nenhuma” porque é o melhor ... que há a fazer”* (Entrevistado1 2016, 4).

Conclui-se assim que, com a presente preocupação pelos animais, há donos que organizam a sua agenda social de forma a dar primazia ao tempo que pretendem passar com o animal, sobretudo em situações de afastamento entre ambos, por períodos temporais curtos ou mais longos,

“A minha mãe é capaz de tar a trabalhar das 8 e meia às 5 e meia e... não vai beber um café comigo, por exemplo, se ela sabe que eu não estive em casa o dia todo, ela não vai beber um café comigo, porque a gata já está sozinha há muito tempo” (Entrevistado7 2017, 6)

3. A HUMANIZAÇÃO DO ANIMAL

Uma das principais premissas desta investigação é a humanização do animal, dando ênfase a uma linha de raciocínio em que se minimiza ou se nega perentoriamente a sua animalidade e se realça a abordagem de um animal personificado.

Na observação da clínica, um dos aspetos mais observados é o facto das pessoas falarem com o animal. Quando este processo acontece de maneira semelhante à comunicação com outros seres-humanos, ou ainda de forma mais adequada, confirma a humanização associadas aos animais, “*por vezes apanho-a a falar de forma muito querida com a minha, com a nossa cadela*” (Entrevistado6 2017, 8). Considera-se normativo o ato de cumprimentar os animais quando se entra em casa, ou chamá-los, mas também quando estes fazem algo desagradável e se ralha de forma a castigá-los por esse comportamento. Também acontece haver um tipo de comunicação especial/própria entre o dono (ou pessoa que tem uma ligação maior) e o animal, “*há muita comunicação, eles falam para mim, os miados deles são formas de falar comigo, e de me transmitir determinadas coisas que eu vou aprendendo a interpretar*” (Entrevistado8 2017, 12).

É comumente aceite atribuir ao animal uma determinada personalidade, com comportamentos próprios que influenciam a relação com os restantes membros domésticos. Por exemplo, quando o animal é vivaço, tem carisma apresenta indícios comportamentais de apreciação face a várias atividades de interação, o dono sente-se desafiado e tende a brincar mais com ele estando, porém, consciente que tem de respeitar os limites para não chatear o animal.

Características que outrora apenas caracterizavam os humanos, agora são também associadas aos animais, “*já o conhecia um bocadinho... a maneira de ser... dele! Que eles acabam por ter a sua personalidade, não é?*” (Entrevistado4 2017, 2), tais como: o animal ser querido, simpático, protetor dos seres que gosta; ciumento; tímido, reservado, carente, ansioso, que sofreu algum trauma e por isso tem comportamentos mais tensos; hiperativo; animal que é social e faz amizades também com outros animais; o facto de ser inteligente, calculoso nas suas ações, realizar jogadas intriguistas e relaciona-se com interesse próprio; comportar-se como uma criança humana, em que inocentemente só quer brincar, fazendo tudo o que quer; e, por último, autoritário, como se houvesse uma hierarquia onde as vontades do animal imperam.

A categoria do animal de estimação é representada com características que se sobrepõem ao que é suposto encontrar em humanos, principalmente quando é mencionado os aspetos positivos, em que o animal provoca um bem-estar no dono que não é equiparável com qualquer outro. Os *pets* possuem uma capacidade fora do comum, pois percebem determinados acontecimentos ou determinados sentimentos que não são visíveis no momento, “*ele descobriu primeiro que eu que eu tava grávida... ele tinha muitos instintos... eles sabem essas coisas, eles sentem...*” (Entrevistado4 2017, 2), e que também têm o dom de escolher o dono e não o contrário.

3.1. AGREGADO FAMILIAR: EU E O MEU CÃO

Quando se processa a humanização do animal, este é, maioritariamente, considerado mais um elemento familiar e a prova reside que logo nas questões iniciais, de caracterização do entrevistado, quando se perguntava qual o Agregado Familiar, houve quem agrupasse imediatamente o animal em causa, *“é uma coisa que me fez hesitar na pergunta anterior [agregado familiar] porque eu tenho 4 gatos, vivo com os meus 4 gatos, e os meus 4 gatos são... são a minha família”* (Entrevistado8 2017, 1).

Esta postura generalista é uma das representações mais importantes, pois 12 dos 13 entrevistados mencionaram o animal enquanto elemento da família. Não o colocavam na mesma categoria de pais ou irmãos, salvaguardando assim a primazia da proximidade do grau de parentesco dos familiares mais próximos, mas integravam-nos numa posição tão ou mais vinculada naquele seio que outros elementos familiares mais afastados, *“« (...) não é o meu pai, não é a minha mãe, não é? Não são as minhas irmãs, mas é o meu cão»”, é, é como se fosse outro*” (Entrevistado3 2017, 16). Esta vinculação depende do espaço temporal, isto é, quanto mais tempo os atores passam com o animal, maior a ligação que têm para com o mesmo; mas também depende da qualidade desse tempo, ou seja, o indivíduo até pode passar bastante tempo com o animal, no mesmo espaço e viver com este há alguns anos, mas se não conviverem, convenientemente e de forma a estreitar laços relacionais, como brincar e criar memórias que lhe sejam futuramente importantes, não possuirá um vínculo igual ao dos restantes membros familiares que fazem questão de realizar atividades juntos com estes seres não-humanos, *“eles também são um bocado o centro do meu universo, todos os dias há sempre muitos carinhos, muitas festinhas, eles ao meu colo, em cima de mim, todos contentes”* (Entrevistado8 2017, 11).

Em casos mais diretos, há quem considere o animal como um filho. Os próprios entrevistados se autointitulam como pais dos animais quando falam da relação que têm com os *pets*, *“antes de sair dou um biscoito e digo «Até logo, juízo han?! Que a mãe já vem»”* (Entrevistado1 2016, 22). Esta postura é de maior incidência em pessoas com uma idade já mais adulta, maioritariamente numa faixa etária mais avançada, apesar dos entrevistados mais jovens considerarem também, imaginariamente, que cuidar e tratar do animal, também pode ser equiparável à educação que se dá aos filhos, designadamente, dar comida à boca ou brincar com o animal. Também se verifica casos em que um casal gosta e se dá bem com o animal, e, conseqüentemente, ambos se percecionam como pais perante o filho-animal, *“ficaria a ser o detentor ou o tutor, no fundo é como se fossem*

dois pais divorciados, com filhos, eles [gatos], nós somos os pais deles, por assim dizer” (Entrevistado8 2017, 3).

Ainda associado ao elemento humanizado, está também presente a ideia de que o animal é um amigo. Não equiparável a um pai, mãe, irmã(o), mas, fundamentalmente como um companheiro, *“é mais um ser lá em casa, é... mais um companheiro, mais um amigo”* (Entrevistado12 2017, 2), que é valorizado em tempos de aborrecimento, em que é um parceiro para entreter a pessoa, para brincar com a pessoa, que está presente nos bons e nos maus momentos enquanto companheiro, que ouve os desabafos do dono e que tem paciência para *“atirá-lo”, “dizem «Eu nunca vi um animal ter tanta paciência como aquele animal tinha comigo», e a dormir, dormia sempre comigo... andava para trás de mim para todo o lado”* (Entrevistado7 2017, 12).

Quem trata qualquer animal, como se fosse um amigo, é revelador de um carinho especial por todos os animais, do enorme apreço por estes e é apologista dos comportamentos em prol do bem-estar dos animais, *“ele no outro dia encontrou uma aranha no, no na caixinha dos legos, tava felicíssimo porque a aranha ia brincar com os legos dele ”* (Entrevistado4 2017, 37), premissas bastante presentes no grupos de pessoas contactados pela investigadora, através das redes sociais.

Em forma de epílogo, esta humanização, esta representação dos animais de estimação enquanto um Ser importante na vida de uma pessoa, vai influenciar diretamente a forma como esta reage com a sua possível morte, (que será abordada detalhadamente no capítulo das reações para com a morte).

3.2. UM GATO QUE É UM CÃO.

Foi surpreendentemente presente a questão dos comportamentos que os atores esperam que os diferentes tipos de animais, entre gato e cão, adotem. Ou seja, têm uma ideia pré concebida daquilo que é “ser” um cão e “ser” um gato,

“o gato é um ser de uma categoria diferente, é um ser que tem, [tosse] tem mais autonomia intelectual e afetiva, do que o cão... o gato relaciona-se com o humano porque quer e porque gosta, e faz as coisas que agrada ao humano, porque ele quer fazer, não é porque o humano quer”
(Entrevistado8 2017, 11)

Os gatos são perçecionados como animais bastante mais independentes, comparativamente aos cães, pois para além das responsabilidades higiénicas/veterinárias, - que são mínimas - conseguem sobreviver sem precisarem do Homem. Consequentemente, também são perçecionados como mais inteligentes e calculistas nas suas ações, porque se relacionam e obedecem ao dono quando querem e porque querem isto é, dotados de uma suposta personalidade bem vincada e previsível.

Já no que se refere aos cães, é expectável que estes se comportem com uma maior responsabilidade face às exigências do dono, na medida que lhes é solicitado que sejam mais afetuosos, carinhosos, brincalhões, que aceitem e correspondam mais facilmente às carícias e mimos do dono, e que revelem posturas positivas ao conviver socialmente, *“parece um cão lá em casa, (...) se a pessoa se senta no sofá, não demora dois minutos a estar ao colo dela e a conhecer, aquela gata que nós chamamos “oferecida”* (Entrevistado7 2017, 2). No que se refere à questão da higiene, é comumente aceite que este seja menos asseado e dependente do Homem para tomar banho.

Para finalizar, também há uma distinção, dentro das raças caninas, entre os cães de porte pequeno/médio e porte médio/grande, em que os primeiros são mais mimados, como se se tratassem de crianças e/ou seres mais necessitados, comparativamente com os segundos, *“há cães e cães para ser dentro de um apartamento vá, um jack russell se calhar faz mais sentido ter num apartamento, do que um pastor alemão”* (Entrevistado13 2017, 12).

3.3. A MATILDE E O BECAS

A escolha do nome tornou-se um indicador interessante, não tanto quando se analisava os motivos da escolha do mesmo, mas quando este era bastante ponderado, *“quando eu tenho um animal, eu nunca digo logo “Ah este chama-se assim!”, não, eu ando sempre a ver”* (Entrevistado4 2017, 10)

Começando primeiramente com a escolha dos nomes, também em concordância com Machado Pais (2006), estes podem ser uma expressão de afeto ou um diminutivo carinhoso (Nico, Tufa, Bichaninha); podem evocar um gosto pessoal, em mitologia e história (Leão, Anúbis, Laika) ou gosto consumível (Sundae, Mystic, Chamon); para designar algum comportamento ou aspeto evidente no animal (Flecha, Pregas); para homenagear alguém específico (Chiquinho em memória do tio Chico); pensando mais na perspetiva do animal, para este memorizar mais facilmente ou porque se habituou a um nome que não era inicialmente o seu (Mana, Gata), *“porque sei que os gatos gostam do... do som “che” e do som “i” e é um nome pequeno e eu gosto de sushi”* (Entrevistado11 2017, 3); em homenagem a um local/objeto/época especial (Tejo, Nicolau); ou então apelidam os animais com típicos nomes humanos (Margarida, Rita, Matilde, Amélia).

Abordando agora os casos em que não houve ponderação, dos quatro casos em que o animal já possuía um nome anterior, por exemplo, quando tinha sido o antigo dono a nomear ou já tinha uma certidão legal registada, uma dona acabou por mudar o nome original, *“Sissi é uma imperatriz da Áustria e ela... ela tem tudo menos ooo ... tinha tudo menos o... o ar de uma imperatriz”* (Entrevistado1 2016, 5). Também acontece, por exemplo, não ser o dono a escolher o nome mas outra pessoa, que pode ser um familiar ou alguém a quem é reconhecido essa legitimidade (exemplo de namorado ou filha da vizinha).

4. O MEU; O TEU; O NOSSO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

A partir da terceira entrevista realizada, percebeu-se que alguns entrevistados apresentavam alguma complexidade quando mencionavam o “seu” animal. O *pet* em questão foi categorizado de “animal de família”, *“porque normalmente, os cães quando iam lá para casa, os cães eram da [quase como se dissesse por sílabas] família, pronto, aquele era o meu [entoação no meu] cão”* (Entrevistado3 2017, 10).

Este animal familiar é semelhante aos restantes animais de estimação apresentados nesta investigação, mas diferenciam-se nas funções desempenhadas pelos vários donos. Normalmente este não tem um dono específico e as responsabilidades são pontualmente distribuídas, por exemplo, é a matriarca da família que trata da alimentação do animal, o patriarca leva-o a passear à rua e as crianças pequenas brincam e tratam das questões higiénicas, *“estava mais tempo com a minha mãe... e depois eu quando chegava da escola, e o meu irmão, íamos para lá e brincávamos um bocadinho com ele e dávamos-lhe comida”* (Entrevistado11 2017, 8). Ressalva-se que o *pet* pode ser descrito como animal familiar, mas não implica que toda a família o considere “seu” animal, *“a minha mãe dá-se bem com os dois, eu dou-me bem com os dois, o meu pai agora aceita, aceita, aceita os dois agora, mas não, não é aquele afeto”* (Entrevistado12 2017, 8). No caso das crianças mais novas, os pais predispõem-se a aceitar o animal em casa, afirmando que o animal é delas, mas acabam por acarretar, inadvertidamente, com alguma responsabilidade

“diz sempre “Ah, a cadela é tua, não é minha”, mas... ah... mas, mas por vezes apanho-a a falar de forma muito querida com a minha, com a nossa cadela, etc. ou seja... nas parte más, a cadela é minha, nas parte boas, a cadela é das duas” (Entrevistado6 2017, 8)

Num mesmo lar familiar, poderão coexistir vários animais de estimação que pertencem a vários membros familiares, e não serem considerados nos exemplos acima mencionados, exemplificando, quando existem várias crianças e cada uma tem o “seu” próprio animal de estimação, *“houve um pastor Alemão da minha irmã... Porque os meus pais tinham aceite o outro para mim, e a minha irmã queria ter um cão”* (Entrevistado1 2016, 10). Também se presenciou casos em que os entrevistados assumiam inicialmente ter um animal de estimação, mas com o desenrolar da entrevista, acabavam por afirmar que o animal era de outro elemento familiar, *“acho que já se chamava assim [Maggie],*

foi também oferecido da vizinhança, não sei, é mais da minha irmã, não é? Porque, mas pronto, como vive connosco, disse que era meu...” (Entrevistado5 2017, 5).

Este ponto evidencia-se interessante no momento em que se verifica a existência de uma relação entre a ligação afetiva e a responsabilidade que o indivíduo tem perante o animal. No primeiro caso, em que o animal é da família a ligação emocional varia consoante os deveres quotidianos que é naturalmente exigido ao elemento, mas também em conformidade com a quantidade e qualidade de tempo que passam em conjunto, ou seja, os elementos que passam mais tempo com o animal e que sentem que têm mais obrigações, detêm uma maior carga emocional perante o mesmo, *“antes era a minha mãe, portanto... agora sinto mais diferença porque tou mais, dentro da, da educação... do cão em si”* (Entrevistado10 2017, 5), e, consequentemente, vão sofrer mais com a morte do animal,

“eu vou estar num estado pior que ela, mas acredito que ela, também, também terá um impacto negativo, na minha mãe, ah... principalmente porque a minha cadela faz-lhe muita companhia, porque a minha mãe também já está reformada... portanto... a minha cadela faz-lhe mesmo muita companhia” (Entrevistado6 2017, 8)

5. O CONVÍVIO COM O ANIMAL

Sendo um dos pontos chaves do conceito de emoções, as emoções secundárias são socialmente adquiridas e construídas (Ayrosa and Barros 2009, 176), por isso, uma das hipóteses de investigação é o facto de quando uma criança é socializada a gostar de animais, a sentir-se feliz, a amá-los e a preocupar-se com estes, é intuitivamente incentivada a repercutir estas tipologias a terceiros, por exemplo, um adulto que na sua infância lidou positivamente com animais e por influência dos seus pais a tratá-los bem, vai à priori incutir no seu filho esse tipo de comportamentos,

“por amor, eu sempre o vi [o pai] a gostar muito de animais...ah... e eu comecei com os selvagens, ou seja, aquilo para mim fazia sentido gostar dos bichos, pronto, ah... a minha mãe não tanto, a minha mãe não, mata tudo e não tem pudor nenhum...não mato agora nem uma aranha, aliás, nem eu nem o meu filho, o meu filho não mata nada” (Entrevistado4 2017, 24).

Porém, mesmo quando não há socialização numa apetência social para gostar dos animais, o convívio positivo incutido com um animal aparenta despertar uma maior curiosidade em também ter um animal, atente-se, quando uma criança frequenta a casa de amigos e interage com o animal presente manifesta, posteriormente, vontade de também ter um na sua casa, *“eu acho que foi mesmo uma altura em que toda a gente tinha um cão, e porque é que eu não podia ter um cão?”* (Entrevistado7 2017, 14). O mesmo parece acontecer em adultos que, inicialmente, renegam qualquer tipo de apetência para com os animais mas que, quando coabitam positivamente com os mesmos, por exemplo, porque o seu filho trouxe um animal para casa ou outras situações em que são confrontados por uma certa imposição de terceiros, acabam por contrariar as suas posições iniciais – presente a emoção de surpresa – e passam a revelar emoções de afeto face aos animais, *“no início ela não tava muito recetiva, quando o viu, apaixonou-se... apaixonou-se, e ele era doido com ela”* (Entrevistado4 2017, 18).

No que concerne ao desejo dos filhos em ter um animal, acresce a curiosidade em “pedinchar” por um animal de estimação aos pais, sendo esta uma postura aparente e normalizada entre os entrevistados, *“quer dizer, acho que todas as crianças gostam de animais (...) Pedem animais de estimação aos pais, ou coisas do género”* (Entrevistado5 2017, 15). Em suma, é aceitável que uma criança queira ter um animal.

No entanto, verifica-se o inverso quando uma pessoa tem uma má experiência com o animal que poderá desencadear uma recusa total numa situação de convívio com animais. Frequentemente, estes casos estão associados a acontecimentos negativos vividos a curto ou a longo prazo. Quando sofreu ferimentos inferidos por um animal, ou este é agressivo e tem comportamentos que não agradem aos donos pode, consequentemente, mudar a relação que este tem para com os animais, *“porque se vou pôr um cão (...) pá abater por me ter mordido, acho que não tenho o direito de ter mais animais”* (Entrevistado1 2016, 14). E também acontece, pessoas que assistiram pessoalmente à morte de um animal e ficaram emocionalmente sensibilizados com essa situação, não só em gatos/cães, mas em animais que estão na base da dieta portuguesa e optam por preterir alimentos de origem animal pelos de origem vegetal em virtude deste acontecimento marcante.

Mencionando, por último, a questão da reprodução de ideologias de comportamentos a adotar em prol do bem-estar do animal, 10 dos 13 entrevistados faz questão de demonstrar que é a favor dos bons tratos perante os seres não-humanos, que reprovam os atores que os maltratam – presente a emoção de raiva – e optam por ajudar bastantes outros animais que não são os seus, por exemplo, tratando deles temporariamente até encontrarem uma família que os possa acolher, ou ajudar associações e realizar voluntariado,

“se eu pudesse eu trazia-os a todos para casa, mas eu tenho que bloquear aqui [aponta para cabeça] pra, pra conseguir não dar em louca, não é? E não sofrer demasiado com isso, tenho que conseguir criar um bloqueio em mim, tanto, eu acho que... se toda a gente passasse na rua, visse animais abandonados e trouxesse um ou dois para casa... acho que dificilmente haveria animais abandonados” (Entrevistado7 2017, 20)

6. AS EMOÇÕES MANIFESTADAS

Num conjunto de emoções, o sentimento de amor sobressaiu de forma evidente dentre todos os entrevistados assim como o de compaixão pelos animais, de facto, este conjunto de emoções foram as mais registadas.

Muitos foram os sorrisos estampados e as gargalhadas espontâneas, durante o relato de histórias recordadas ou respostas diretas nas perguntas da investigadora. Todo o bem-estar que o animal proporciona ao dono é presenciado neste capítulo, *“um cão faz a pessoa esquecer tudo, porque o cão fica sempre todo contente quando vê a pessoa [felicidade], vai, faz a pessoa sentir-se a melhor pessoa do mundo”* (Entrevistado3 2017, 16). Ternura, compaixão, alegria em saber estarão na presença de um animal, e plena satisfação quando constatarem que um ser não humano esta a ser bem tratado por outrem, são outras características, igualmente, mencionadas, *“a partilha... a cumplicidade... a lealdade... a fidelidade... aquele amor sempre”* (Entrevistado1 2016, 24).

Toda esta felicidade acarreta uma preocupação acrescida, mas assumidamente responsável, para com os animais que se evidencia sobretudo em: preocupação em saber onde está o *pet*, como está e com quem está; cuidar da alimentação, dos tratamentos veterinários, das questões higiénicas e dispensar tempo, do seu tempo, de qualidade em prol do seu animal especial,

“também se calhar preocupada porque... quando não estou ao pé dele, de alguma coisa que possa acontecer, ou se comeu as doses diárias, ou se bebeu e etc. essas coisas todas, acho que é... é obviamente, não sou mãe, nem nunca tive nenhum filho, mas deve ser um bocado comparável... porque é um, é um ser que depende de nós... e nós tomamos responsabilidade de os ter... porque, primeiro porque gostamos deles, e depois temos de os tratar bem” (Entrevistado10 2017, 6)

Mas esta preocupação não está somente confinada ao seu *pet*. Ela persiste quando presenciam situações de animais que não se encontram devidamente tratados, ao ponto de suscitar na pessoa um imperativo carinho e subsequente vontade de adoção *“daquela bicharada, daqueles cães, todos ali que se eu pudesse levava-os todos comigo pa casa e... e os miminhos e eu não, não, não consegui nunca”* (Entrevistado1 2016, 23).

A tristeza foi o segundo tipo de emoção mais presente nos participantes e houve, inclusivamente, quem chorasse no momento da entrevista, principalmente quando o

contexto se reportava a: casos de abandono do animal ou maus-tratos ao mesmo provocando, igualmente, algum desgosto e inquietação; quando sentem afinidade emocional sentida pelos animais, em virtude da constatação de condições precárias, tanto físicas, de saúde, como em termos habitacionais; circunstâncias em revelam apetência na adoção de um *pet*, mas há alguém no meio doméstico que não o permite, seja por desprezo destes animais, seja por incompatibilidade no relacionamento com os mesmos; situações na qual os donos se sentiram obrigados a abdicar da companhia diária do animal; e por último, quando o animal tinha um comportamento que não respeitava os princípios básicos de relação com outros seres, por exemplo, o cão é agressivo e morde.

Sendo a tristeza a emoção mais expetável quando se abordava as questões da (possível) morte do animal, os donos quando se transportavam emocionalmente para esse este campo hipotético, descreveram reações de profundo desgosto e reações incontroláveis. Dos que já presenciaram a morte de alguém importante ou do seu *pet*, também agiram em conformidade com as respostas dadas por aqueles que se idealizam nesta situação, *“Agora já ultrapassei, graças a deus (...) se me tivesse a fazer esta entrevista há um ano atrás já tava aqui a chorar, só de pensar e de relembrar isso”* (Entrevistado3 2017, 14).

Ainda no pódio das emoções, a surpresa é patenteada quando os atores, que inicialmente não davam tanta importância aos animais, acabavam por criar uma relação emocional com estes, contrariando as suas expetativas após o convívio positivo que tiveram com os mesmos, *“muito centrado em mim próprio (...) não passava pela cabeça, de todo (...) aconteceu! E passou a fazer todo o sentido, foi a melhor coisa que podia ter acontecido”* (Entrevistado8 2017, 8).

Relacionado com a morte, ainda foram relatados casos de animais que apresentavam um quadro clínico precário pois tinha sido diagnosticado com alguma doença grave e, conseqüentemente, uma previsão de vida a curto prazo. Porém, e até à data da entrevista, os mesmos encontravam-se ainda vivos e aparentemente saudáveis. Esta constatação e confirmação do prognóstico incorreto revela algum espanto perante o erro profissional veterinário (também presente a emoção de raiva). Também no enquadramento desta temática, está a surpresa de quando uma morte não é expectável (que será abordada posteriormente), nomeadamente por um súbito atropelamento ou doença repentina e inesperada,

“Tanto ele foi para casa para morrer, que as senhoras disseram-me que ele não ia sobreviver, e ele tá cá! Sobreviveu, os outros todos, que não tinham nada, um foi ataque de coração foi de um dia para a noite... deitamo-lo, né? (...) Com o pequenito, foi assim, quer dizer, nem tinha, nem tínhamos ideia sequer, não tava doente nem nada e [surpresa] pimba” (Entrevistado4 2017, 14).

Rematando, a surpresa está igualmente relacionada com a expectativa comportamental, que se tem perante os animais e estes não correspondem em conformidade com as expectativas criadas pelos donos, isto é, quando o gato não se consegue adaptar à habitação e é preciso soltá-lo livremente para a rua, por exemplo.

A manifestação da raiva é realçada em situações em que o animal não é bem tratado, de acordo com os princípios morais do entrevistado, e, em particular, quando têm conhecimento que o principal objetivo em ter um animal é a guarda da habitação ou de um estabelecimento/terreno, na qual, estes estão acorrentados no exterior,

“proteger a casa, não é, são animais que são tratados, tão dentro de jaulas, eu vi, isso com os meus olhos, não, tão dentro de casa com as grades, não há, a coisa de ir passear, estão sempre fechados dentro de casa, e são alimentados com carne viva... quer dizer, bocado de bifes e coisas assim, e restos de arroz” (Entrevistado4 2017, 38).

A crescente preocupação na mudança da mentalidade dos atores relativamente ao comportamento que se deve ter perante os animais, vem consequentemente criar maior revolta dos que desejam esta mudança. Por isso, os entrevistados que defendem este princípio, ficam revoltados quando veem situações em que outros atores continuam a não dar primazia ao bem-estar animal, quando está preso numa jaula (zoológico) ou em tanques em vez de estar no seu habitat natural; no caso dos vegetarianos, quando se continua a introduzir animais na dieta quotidiana; quando os donos são irresponsáveis e não possuem capacidades para educar o animal e deixam-no fugir; e, como já foi mencionado, quando há falta de profissionalismo das entidades veterinárias

O medo é presenciado em três situações. Primeiramente este é referente ao pânico que se tem perante os animais, enquanto seres perigosos, que podem morder ou causar outro tipo de consequências negativas à pessoa, *“eu comecei a ter medo dele, e ele pesava praí 25 quilos, e não consegui”* (Entrevistado1 2016, 9). A segunda situação, que está relacionado com a preocupação para com o animal, é o medo de magoar o animal, de não

conseguir prever o comportamento deste em determinadas situações, tais como, na rua, ou deixá-lo aos cuidados de terceiros, que não tenham atenção especial ao mesmo; terceiro, relativamente ao medo da possibilidade de o animal deixar de estar presente no seu dia-a-dia, “*entretanto... ah... fiquei sem ele... e a partir dali... foi como se fosse uma proteção minha, não tentar ligar-me muito ao animal, sempre com medo que... o perdesse depois*” (Entrevistado3 2017, 2).

As restantes emoções registadas nesta investigação são: nojo, a vergonha e a culpa. A primeira prevê-se em questões higiénicas, principalmente nas necessidades fisiológicas, “*«AI QUE NOJO MÃE, tenho que apanhar os cocós do chão, nem pensar»*” (Entrevistado1 2016, 13). Mas também reconhecem que o animal comporta certas doenças e parasitas, tais como, carraças, e que, principalmente os cães que são menos higiénicos, pois não são (independentemente) asseados.

A culpa é associada à falta de responsabilidade ou à falha de capacidade em educar/ensinar, ou seja, quando acontece algo negativo ao animal, os donos culpabilizam-se por isso, (emoção abordada no subcapítulo das reações perante a morte do animal).

Por último, a vergonha aparecia momentaneamente quando eram mencionados os motivos de escolha dos nomes para os *pets*, apesar da ausência de arrependimento e mudança dos apelidos, há uma certa vergonha das decisões no passado, “*porque eu provavelmente, era um animal de sair à rua, eu devo ter dado ideias um bocado... [vergonha] demasiado ridículas, então o meu pai acabou por escolher Zara*” (Entrevistado7 2017, 9).

7. A MORTE ENQUANTO TEMÁTICA

Questionou-se aos entrevistados de forma muito geral, qual era a sua opinião relativamente ao tema da morte e se já tinham tido conhecimento do falecimento de alguém.

Presente o dualismo da substância (Fernandes 1990), da separação entre o corpo e a mente, há referência à total ausência do corpo, mas existem as recordações e as memórias que se experienciou com a pessoa em causa. Igualmente presente em casos em que as pessoas estão a sofrer e acabam por morrer: em que a mente está sã e o corpo já não responde ou ao contrário em que o corpo mantém uma estrutura física apresentável, mas as patologias mentais acabam por vencer.

A importância que se dá à morte dessa pessoa está correlacionada com a ligação que tinha com a mesma, se era algum ente querido que falece ou se era alguém que (já) não tinha nenhuma posição vincada na vida do ator, *“quando ele [avô] morreu, quer dizer (...) não me tocou assim particularmente, no fundo foi uma pessoa que eu nunca conheci verdadeiramente”* (Entrevistado13 2017, 13). A mesma regra se aplica aos animais de estimação, assumindo que se pode ficar mais inquieto com a morte do seu *pet* do que com alguém que não lhes era tão importante, *“quem não tem animais de estimação acha um bocado estranho quando morre um animal de estimação a alguém que a pessoa fica muito mal, é um elemento da família”* (Entrevistado3 2017, 16). O tipo de reação emocional que o ator vai demonstrar no momento da morte do animal está também confinada com a sua personalidade individual, por exemplo, a mulher do casal, como é mais emotiva, sofre mais (Cerejo 2014), *“possivelmente pior do que eu (...) porque ela é, possivelmente um bocadinho mais emocional do que eu, e eu se calhar sou um bocado mais frio do que ela”* (Entrevistado13 2017, 16).

Assumem o fado do fim da vida, mas, quando acontece ficam incomodados, (presente a emoção de tristeza) e emocionalmente perturbado, (Morin 1970), aprendem também a viver com essa sentença, *“acho que é difícil, acho que é uma dor que nunca deve, não passa, não é? Acalma ao longo do tempo, uma pessoa aprende a viver com isso”* (Entrevistado7 2017, 17).

7.1. A REAÇÃO

Mais uma vez, sublinha-se que a emoção mais expectável e mais presenciada é a tristeza, infelicidade e é aceitável chorar, “*como deves calcular, houve muito choro envolvido... e... sei lá... muita tristeza, inclusivo as, a minha irmã e a minha mãe não ficaram na sala, (...) foi triste*” (Entrevistado9 2017, 9).

Naturalmente constatou-se que os donos que estão mais emocionalmente conectados ao animal sofrem mais com a sua morte: quanto maior a ligação, maior o sofrimento. A humanização influencia as dinâmicas emocionais, pois quando um animal é percecionado como um elemento familiar e morre, o dono reage de forma semelhante como com o seu familiar/amigo mais próximo.

“faleceu a minha avó que era muito próxima, era como se fosse uma mãe para mim... depois passado um ano ou dois faleceu o Chacky, depois faleceu o Becas, depois faleceu o meu avô e andou aquele, naquele intervalo de quê? 4 anos... faleceu os meus avós, faleceu os meus cães e aquilo foi um bocado complicado [tensão na voz] gerir a, a perda em si, porque perde-se os avós, perde-se os cães e parece que tá ali a faltar tudo... as bases” (Entrevistado3 2017, 14)

Se há a correlação entre (maior) ligação e (maior) sofrimento, também o contrário acontece, quando menor a ligação, menor o sofrimento. Por exemplo, quando vivem com um animal de estimação mas é de outro elemento familiar, ou quando não fazem questão de conviver diariamente com o animal, a sua morte é-lhes quase alheia, “*ainda o levaram ao veterinário mas acabou por morrer (...) Também era da minha irmã... portanto com esse não cheguei a ter tanta... vivência*” (Entrevistado5 2017, 8). Ressalva-se que, mais uma vez, a reação que um ator vai ter perante a morte de um animal ou de alguém também depende do tipo de estado emocional que normalmente aparenta no seu quotidiano, por exemplo, o estereótipo que as mulheres são mais emotivas e os homens são mais racionais

Correlacionado com o ponto da liberdade do animal de estimação, constatou-se que quando a área de ação do animal é demasiado restrita, devido às suas características, pássaros/peixe, afeta o vínculo para com o mesmo, influenciando a reação perante a morte do animal: apesar de se percecionar o animal enquanto animal de estimação e se conviver diariamente com o mesmo, se este está condicionado a uma gaiola/aquário, o dono pode ficar mais indiferente com a sua morte,

“fiquei triste, chorei muito nesse dia, porque tava habituada é... nós mudamos de casa com o aquário [ri-se] em cima das minhas pernas... fiquei triste, mas acho... pelo menos em comparação depois com o Rex, não é o mesmo tipo de relação que nós temos com os peixes (...) passado um ou dois dias, tá tudo bem” (Entrevistado11 2017, 6)

O sofrimento emocional também é influenciado através de outros fatores, tais como, a presença da morte e a experiência com esta. Relativamente ao primeiro fator, este é centralizado na medida em que, por exemplo, quando um animal que aparentava ser saudável e morre de uma doença repentina, ou então quando um animal sofre um acidente grave e acaba por falecer, *“é mais diferente porque... não foi uma coisa, a cadela não era doente, não foi uma coisa esperada, foi um acidente, portanto... sente-se aquele choque!”* (Entrevistado10 2017, 10). Já na medida contrária, quando o animal está, gradualmente, a sofrer, de consequências patológicas, ou quando se começa a aproximar da idade associada à sua esperança média de vida, os donos começam o procedimento da fase de luto (Araújo 1997), de forma a criar algumas “proteções” para tolerarem mais facilmente a dor. Ou seja, um indivíduo, que está emocionalmente conectado ao animal, sofre mais com a morte deste quando não a antecipava,

“depende também das condições em que isso acontecer, se for uma morte natural... é claro que... pronto, dá para a gente se ir preparando aos poucos, não é? Porque... se for uma velhice ou uma doença que se vai, vai ficando cada vez pior, é natural que a gente comece a antecipar e a criar alguns mecanismos de defesa e resiliência... mas caso, seja por exemplo, um acidente na estrada, ou o cão ser atropelado, ou o gato... acho que vai ser, um bocadinho mais inesperado, e se calhar ia reagir um bocado mal” (Entrevistado12 2017, 18).

Referente ao segundo fator, este é preponderante na medida em que um indivíduo sofre mais, emocionalmente, quando nunca experienciou a morte de um *pet* ou de alguém que lhe era importante. Todos os tipos de reações que poderá ter, só se encontram no campo imaginário, pois a morte é-lhe uma experiência individualmente desconhecida *“como já tinha tido antes, acho que já tava à espera que, não sei, como já sabia o tempo que eles viviam, acho que já tava mais, preparada”* (Entrevistado2 2017, 9).

Como a abordagem deste tema não foi tão agradável, comparativamente ao tópico dos animais de estimação, para os entrevistados, e apesar destes imaginarem sempre que

não iriam ter a melhor reação com a possível morte do seu *pet*, houve quem sentisse desconforto ao ponto de recusar pensar nessa possibilidade, num futuro próximo, *“Racionalmente, sim... é, sei que é uma realidade incontornável da vida, tanto nas pessoas, como nos animais, mas emocionalmente não consigo de todo aceitar, não consigo pensar nisso”* (Entrevistado8 2017, 9)

Foram detetados cinco tipo de atitudes que os donos adotaram, ou tencionam, imaginariamente, adotar.

Primeiramente, a presente emoção da culpa, da qual (1) os donos se culpabilizam pela morte do animal. Exemplificando o caso em que o cão mordeu o dono e este como não o conseguiu educar, foi colocá-lo ao canil, no intuito de o abater; ou então quando não se tomou suficientes medidas preventivas, para que garantissem a melhor qualidade de vida do animal, tal como, ir passear o animal sem trela. Também é presente na questão da eutanásia, em que os donos se sentem culpabilizados quando decidem a morte do *pet*, *“ia abatê-la e no dia seguinte já deu com ela morta, (...) foi um alívio para a minha avó de “Não matei a cadela e ela foi em paz”* (Entrevistado7 2017, 11).

Ainda se patenteia a emoção da culpa quando há donos (2) que não arranjam outros animais de estimação quando o seu morre, porque sentem que não o estão a respeitar, *“ele ter falecido porque... parece que é uma espécie de substituição, estava lá aquela, aquele animal, agora foi-se embora, agora vem outro”* (Entrevistado11 2017, 18). Esta “traição” para com o animal inicial pode ser apaziguada quando termina a fase de luto, *“a Jessie morreu, não é? No, no verão... depois passou-se algum tempo, a gente não achava justo... aquela gata morrer e logo a seguir arranjarmos mais um para a substituir”* (Entrevistado12 2017, 3), sendo que este espaço temporal varia da capacidade de cada indivíduo em enfrentar o tema da morte e prosseguir com o seu quotidiano.

Nos casos de quem já experienciou a morte de um animal, há quem (3) não queira arranjar mais animais porque não querem sofrer mais, futuramente, com a morte de um outro animal. Relacionado com o ponto abordado nos aspetos negativos, em que o animal possui uma esperança média de vida mais curta, comparativamente à do dono, quem já passou anteriormente pela morte do animal e sofreu bastante com a mesma, recusa voltar a tolerar essa dor,

“eu não queria mais animal nenhum porque o meu coração partia-se... expliquei-lhe (...)»Sim, agora imagina, tá aqui o Boqui, o que é que tu

sentes?», «Sinto muitas saudades», «E achas que a mãe quer isso? A toda a hora? Cada vez, cada vez, cada vez, não, pois não?», «Não», «Então a mãe decidiu que, o [gato] Nico é o nosso último amigo, depois disso, é a nossa família»” (Entrevistado4 2017, 29).

Objetivando o animal enquanto mais uma responsabilidade a assumir, existe a possibilidade dos donos (4) não quererem arranjar mais animais de estimação, pois não querem ter que assumir novas e repetidas responsabilidades; ou então, não querem, no caso da sua própria morte ou incapacidade patológica, transportar essa responsabilidade para terceiros, por exemplo, para os filhos, *“faz 70 anos (...) diz que não porque depois se lhe acontece alguma coisa (...) não pode deixar esse peso a ninguém e portanto... decidiu que não tinha mais nenhum”* (Entrevistado1 2016, 27).

Contrariamente ao que foi acima mencionado, e analisado nos motivos para se ter um animal, (5) há donos que decidem adotar outro animal, antes do inicial morrer, porque se querem prevenir para evitar a possibilidade de ficarem sozinhos no espaço doméstico, *“voltava logo a ter mais um (...) de preferência evitar de ficar só com um, e ficar com o risco de ficar sem nenhum... haver assim esse grande vazio”* (Entrevistado8 2017, 10). Também há quem tenha a consciência que o animal pode ser usado como forma de aliviar o sofrimento, e por isso, podem, mais uma vez, adotar anteriormente à morte do inicial, mas também podem transferir automaticamente e diretamente essa nostalgia inicial para um recente membro, *“nós agora... não sei, parece que transferimos um bocado a cena para a outra cadela, não sei se me faz entender... não... não é uma coisa intencional”* (Entrevistado9 2017, 10)

Os típicos rituais fúnebres que Morin (1970) refere enquanto demonstração de afeto e carinho para com o que faleceu, também são contabilizados nesta investigação. A sensação de luto, que é descrita como um período mais sombrio, frio, deprimido e triste para quem o vivência, é o comportamento mais referenciado, *“nós não falávamos muito uns com os outros... nem... nem discutíamos (...) pá, notava-se, parecia que tinha morrido alguém da família, tas a ver? Pá, foi triste”* (Entrevistado9 2017, 10). Esta fase de luto acaba por desaparecer, mas esse espaço temporal depende da capacidade do indivíduo em ultrapassar essa fase.

Relativamente ao funeral, não foi narrado, mas há donos que enterraram o animal no seu jardim e houve quem tivesse a intenção de enterrar os seus animais no cemitério do Jardim Zoológico de Lisboa. Por último, quando o animal é eutanasiado, há clínicas

veterinárias que realizam logo o processo de cremação (principalmente se o animal possuir uma doença contagiosa), *“ela ficou... pronto, no centro veterinário onde foi acolhida e depois... acho que eles a cremaram, o corpo... e ficaram lá”* (Entrevistado10 2017, 4), ou então dão a opção dos donos recorrerem a uma instituição específica que realize esse procedimento.

7.2. A EUTANÁSIA

A eutanásia realizada em instituições veterinárias é aceite desde que se consiga perceber que o animal em causa têm poucas ou nenhuma opções para continuar a viver ou quando já não tem qualidade de vida e está em sofrimento.

Dos três entrevistados que eutanasiaram um animal, apenas um dos casos se deveu a um acidente, da qual o animal se encontrava abandonado na rua. Os restantes animais eutanasiados já se encontravam com uma idade avançada, sendo que, consequentemente, em virtude disso, não se encontrava nas melhores condições físicas e de saúde, e, também por aconselhamento veterinário, decidiram eutanasiar o *pet*, *“a cadela já andava a sofrer imenso e chegámos à decisão de abater a cadela, porque... aquilo já não era qualidade de vida para ela”* (Entrevistado9 201, 8).

Neste tópico, como já se previa, está presente a discussão emoção com a razão, (Damásio 1995). Nenhum dos entrevistados que tiveram que eutanasiar o animal se sentiram confortáveis a realizá-la. A quota-parte da emoção que estava presente nesta discussão defendia que se iria matar um Ser vivo da qual sentiam amor, que gostam de ter a sua presença para fazer companhia e que, não queriam sofrer com o falecimento do *pet*. Os entrevistados intitulam-se egoístas porque o seu objetivo é manter o animal vivo para estes poderem continuar a disfrutar da sua companhia, apesar deste estar em sofrimento. Este substantivo entra na parcela da razão, que, no fim, acaba por prevalecer. A razão defende é preferível realizar a eutanásia ao *pet* que se encontra com dores, pois não é benévolo para este, quando está muito dependente dos donos para conseguir realizar tarefas quotidianas, (comer, andar) ou então que necessita de medicação para sobreviver.

“pode-se fazer eutanásia ao animal quando se vê que... que já não há forma de recuperar... aquilo, nós fomos ao médico, fomos ao médico [a corrigir-se], aquele ao veterinário... e ele disse que... que podíamos atrasar aquilo... com... com medicação forte e isso mas, mas ele próprio disse, é assim, ele dá o seu parecer, mas... essencialmente fica sempre à

nossa decisão, ele disse que aquilo, ela já, que ela já não estava bem [tristeza, tom baixo] porque aquilo já era muito mau, depois aquilo também já, como já tinha explicado, nós não tamos em casa, sempre, nós não conseguíamos cuidar dela 24 horas por dia (...) ela a partir do momento em que não consegue beber água, não consegue comer... não consegue-se levantar para fazer necessidades... ela chegou a uma altura que... pá que sujava tudo, entendes? Porque ela não... não se conseguia mexer, e era muito complicado” (Entrevistado9 2017, 8).

8. ANIMAL, UMA RESPONSABILIDADE QUE NÃO SE ASSUME

Foi também considerado em análise, indivíduos que optam voluntariamente por abdicar do seu o animal.

A maioria associa-se a pessoas que não revelavam uma ligação emocional muito forte com o animal, e, conseqüentemente, sentem-se desprovidos da responsabilidade de continuar a manter um animal quando não o pretendem fazê-lo, abdicando assim naturalmente deste em prol de terceiros.

“a minha mãe basicamente tinha lá os animais por nossa causa, porque eu e a minha irmãs porque nós queríamos ter animais, mas, por ela, tanto que ela quando se começava a fartar dos animais arranjava sempre outro dono, vai páqui, vai para ali, e era isso que depois me custava quando era mais nova” (Entrevistado3 2017, 12)

Também correlacionado com a fraca ligação emocional, encontra-se o caso em que o animal foge de casa, e apesar de poder haver uma procura inicial, os donos acabam por aceitar, desprendidamente, que este não voltará a estar presente, *“na altura que nós ficamos desesperados para tentar encontrar, mas nós tínhamos as férias marcadas e acabámos por nos ir embora”* (Entrevistado7 2017, 12). Ou acontece, quando o animal manifestou comportamentos agressivos e os donos, ao não sentirem que têm capacidade para educar o cão de forma a agradá-los, acabam por dá-lo também a terceiros, *“só que o Boxer era muita mau e... e mordeu em inclusive o rabo ao meu avô foi para uma quinta, para... para animal de guarda basicamente”* (Entrevistado9 2017, 3).

Um outro tipo de caso que entra neste indicador é quando o dono (ou um dos donos) sai da casa onde o animal vive, por exemplo, para ir estudar para outra localidade e não se faz acompanhar do mesmo. Apesar de ser um “descartar” de responsabilidades, difere por dois motivos: primeiramente se for um animal de família (como já foi anteriormente analisado), os restantes membros familiares são contra a possibilidade desse ator em questão levar o animal consigo; segundo, os donos que não querem ser egoístas, pois sabem que o animal fica em melhores condições se continuar no seu “habitat natural”, assumindo algumas das responsabilidades e mantendo laços de proximidade sempre que lhes é possível, *“na prática o animal está com nós os quatro, pronto, embora o meu agregado oficialmente seja sozinha em Lisboa, (...) no fim-de-semana na margem sul, vou para lá amanhã”* (Entrevistado11 2017, 2).

CONCLUSÕES

A presente investigação explicitou a curiosidade da investigadora para com os animais não-humanos. Não sendo uma investigação de natureza biológica/zoológica, houve um afastamento a debates relacionados com os termos de “animais não-rationais” (da qual poderia implicar uma hierarquia no mundo animal). Também se deixou explícito que não era prioritário a análise do comportamento do animal enquanto membro do grupo dessa mesma espécie e que se excluía a categorização de animais domésticos, pois todos os animais de estimação estão nessa mesma categoria, mas nem todos os domésticos possuem a proximidade e intimidade para com os humanos para serem considerados de estimação.

Iniciou-se esta investigação com a conceptualização do conceito de representações sociais. Através de autores como Jodelet, Moscovici e Durkheim, definiu-se que as representações são uma ideia e/ou uma opinião que ajudam a interpretar o quotidiano dos grupos.

Estas são movidas pelas personalidades individuais que fazem mover grupos, através de ações concretas, pensamentos, explicações e discursos. Concretamente nesta temática, a revolta social perante os maus tratos aos animais de estimação tem vindo a aumentar gradualmente, os discursos com abordagens carinhosas aos mesmos também acompanham esta tendência, e consequentemente, pensamentos e ações dos indivíduos quando são confrontados com a presença do animal são diretamente influenciados.

As representações sociais variam conforme o contexto sócio histórico, a socialização, religião e outras variáveis patenteadas. Exemplo desta característica é o facto de ser socialmente punível a morte de um cão para consumo humano em países como Portugal, mas ser socialmente aceite em países na Ásia Oriental.

Posteriormente, a problematização concentrou-se no conceito das emoções, que também em concordância com as representações sociais são utilizadas para avaliar a realidade quotidiana que provocará uma reação a essa.

Foi também focalizado a questão da dicotomia entre emoção e razão, pois, é um diálogo base em temáticas relacionadas com a morte, mais concretamente com a eutanásia. Resumidamente, antigas premissas eram apologistas da separação entre os dois elementos referenciados, sendo que, esta investigação acompanha a linha de pensamento

de António Damásio em que todos os organismos presentes no corpo do indivíduo são fundamentais para a tomada de decisão.

Também as emoções primárias e sociais foram abordadas na conceptualização, pois seria importante perceber que tipo de emoções existem para se definir as emoções expectáveis a presenciar nas entrevistas.

Por último, relativamente à problematização, também foi referenciado a questão da morte, até porque as interrogações iniciais que despoletaram esta investigação devem-se à preocupação, (ou falta desta) que os atores têm perante o falecimento dos animais de estimação. Delarissa consta que é mais fácil lidar com a morte quando não é a primeira experiência do ator, sendo uma informação importante, pois posteriormente, os entrevistados revelaram que possuem uma expectativa comportamental mais realista e cuidada após a primeira morte vivenciada.

Correlacionando o tema da emoção *versus* a razão, encontra-se o debate perante a eutanásia. Necessariamente questionou-se os entrevistados dos seus argumentos utilizados no processo de decisão de abate do animal e como equilibravam a parte emotiva (que não queria perder o animal) com a racional (que colocava em causa o sofrimento do mesmo).

Os rituais associados à morte demonstram uma mínima preocupação perante a vida que deixou de estar presente. Posteriormente, a análise de todo o processo de luto e questões do funeral comprovaram a intensificação do carinho que a pessoa tinha perante o animal e patentearam a humanização do mesmo.

A problemática termina com as discussões, algumas controversas, relativas à humanização do animal. Por um lado, o animal é visto como o melhor amigo do homem, concede-se uma personalidade idêntica à humana, é-lhe chamado de filho/a, conferido um nome, é vestido e acarinhado com total afeto e lealdade; por outro, animais que vivem sobre maus-tratos, mortos e utilizados para benefício próprio do (egocentrismo) humano. Dos que se comprometem a adotar um animal de estimação e tratá-lo com dignidade humana e dos que permitem a entrada do mesmo no seu quotidiano íntimo, suportam consigo todas as despesas extras e cuidados higiénicos/legais para continuarem a receber entrega total por parte do *pet*.

De forma a responder às questões pertinentes desta investigação, foi construído *a priori* uma grelha analítica de forma a elucidar simplifadamente a problemática das

relações entre os humanos e os animais-de-estimação com as suas dimensões de análise e respetivas componentes. Principiando, então, na componente empírica, foram criados indicadores que seriam expectáveis encontrar nas entrevistas e na observação etnográfica, sendo que estes foram constantemente atualizados à medida que a investigação progredia.

Esta grelha analítica também foi o elemento base para a construção do guião de entrevista, sendo que a cada componente, foram associadas todas as questões pertinentes para autenticar a presença dos indicadores. Concretizada a primeira entrevista, e acompanhando a evolução da realização das restantes 12 entrevistas e observação etnográfica numa clínica veterinária em Lisboa, (como já anteriormente referido), foram-se definindo variáveis específicas para cada indicador, isto de forma a fechá-los e facilitar, por exemplo, a categorização de *pet*.

Também no capítulo metodológico são abordados os motivos e os principais impedimentos para se utilizar as entrevistas semidiretivas como elemento principal, de forma a abranger variáveis inesperáveis referidas pelos entrevistados. Elucidou-se todo o processo de seleção da amostra para a realização das entrevistas, sendo este bastante moroso pois passou por várias fases e respetivas adaptações.

Apesar de a observação etnográfica ter sido o obstáculo mais desafiante nesta investigação, tanto que acabou por não se conseguir realizar mais do que seis dias, esta era uma abordagem complementar às conclusões das entrevistas porque possibilitava visualizar ações reais, no momento *in loco*, indicadores que poderiam não estar tão presentes no discurso. Toda a experiência vivenciada pela investigadora foi relatada, incluindo os momentos de desconfiança por parte dos clientes da clínica veterinária até à conversa apreensiva do diretor deste mesmo espaço que resultou na desistência de novas observações por parte da investigadora.

No decorrer da investigação, como processo normativo, foram encontradas outras limitações e obstáculos para a realização de todo o procedimento. Nenhum investigador é completamente inibido de opiniões e julgamentos, “*é extraordinariamente complicado o campo a estudar, como igualmente o sociólogo faz parte dele, com todos os seus valores, preconceitos e tendências pessoais*” (Mann 1983, 10), até porque, neste caso, não só me relaciono, na vida quotidiana, diariamente com animais de estimação, como tenho uma cadela, que devido à presença de um tumor, enquanto realizava a investigação, “obrigou-me” a passar bastante tempo num veterinário (fora de Lisboa). Isto terá

influenciado as observações, mas, enquanto investigadora tive sempre como foco, a imparcialidade máxima, para minimizar o risco de enviesamento.

Um outro aspeto, a ter em consideração, é o facto da investigação apenas abranger a população urbana – em Lisboa –, e que as representações associadas aos animais de estimação poderão ser diferentes em populações rurais – até porque estes têm diferentes finalidades –, e poderão até mesmo ser diferentes noutras populações portuguesas urbanas mais pequenas, sendo esta uma questão bastante interessante para futuras investigações,

Sublinhando o caso específico de como foi realizada o processo de seleção da amostragem, (através de grupos da rede social, Facebook), há que ter em conta que, apesar de o indicador idade não ser totalmente relevante, as limitações abrangem o facto de ser maioritariamente utilizada por jovens e adultos, e há uma exclusão de todos aqueles que não têm uma conta criada nesta rede social e dos que não são integrantes dos três grupos contactados. Uma outra questão relacionada com a amostragem deve-se à sua escassez, mas que apesar do reduzido número de indivíduos escolhidos para a amostra e, atendendo que se trata de uma dissertação de mestrado, exploraram-se e analisaram-se as entrevistas com a maior exaustão possível.

Sintetizar-se-ão as grandes premissas/conclusões desta investigação, fundamentadas na recolha de informação empírica, e com as devidas limitações assumidas, das 13 entrevistas realizadas.

Tendo como engrenagem a grande curiosidade sobre a representação social atribuída aos animais de estimação, os entrevistados concordam que todos os animais, dentro das variáveis indicadas, deveriam ser tratados e representados sob categorias idênticas, mas, que há animais, mais especificamente o cão e o gato que conseguem estabelecer relações inigualáveis. Tanto que, por exemplo, houve omissão da espécie de insetos, quando mencionado exemplos de animais-de-estimação. Apesar da insistência da investigadora em contrariar a classificação imediata e inerente da distinção entre os cães/gatos e os restantes animais que se consideram animais de estimação, o público-alvo revelou-se relutante em manter uma manifesta diferenciação entre ambos. Ingressando na pergunta de “se há diferenças relacionais/representacionais conforme a liberdade do pet (se está confinado a um espaço específico ou tem liberdade pela casa”, a relação de empatia que se consegue criar com os segundos não é tão profunda e tão especial comparativamente às outras duas espécies referidas, sendo que é um aspeto, exacerbado quando o animal não está condicionado na sua liberdade individual para circular no

espaço doméstico e se encontra confinado apenas à sua gaiola ou casota fora de casa. Ou seja, nutre-se amor e felicidade perante todos os animais, mas sente-se maior impacto com a morte de um cão/gato. Por último, os defensores dos direitos dos seres não-humanos não gostam de considerar que os que são obrigados e “encarcerados” num espaço próprio enquanto animais-de-estimação, exemplificando, os peixes não deveriam viver num aquário mas sim livremente em águas provenientes da natureza.

A questão da contextualização não é posta de parte, “a socialização familiar, (que o indivíduo possuiu na infância), influenciará a sua relação com o animal?”. De facto, através das respostas recolhidas, conclui-se facilmente que os “avós” e as “pessoas das aldeias” continuam a refutar estas novas relações e revelam atitudes conflituosas face aos atores que tratam os animais como humanos. O papel da socialização e do convívio torna-se essencial: pessoas que inicialmente não compreendiam as novas relações com os animais, passaram a representar os animais enquanto filhos; indivíduos que começaram a respeitar todos os animais e recusam ser originador da morte do mesmo; e até donos que com uma situação mais desagradável, se lembraram que os animais não são humanos e, por isso, precisam de outro tipo de cuidados.

Averiguou-se, também, que o fenómeno social relativo às novas relações encetadas com os *pets* é influenciado pelas reproduções das representações, ou seja, é comumente aceite que o animal possa ser tratado como um ser humano e seja humanizado, pois passou a ter um papel de maior relevo estável meio familiar, descartando-se o facto de ser um mero objeto de segurança. Este novo estatuto, de hibridez entre as espécies, confere-lhe, presentemente, um novo reconhecimento prestigiado na legislação nacional.

É inevitável não mencionar que ter um animal de estimação acarreta bastantes responsabilidades, nomeadamente, despesas veterinárias, alimentares, higiénicas e de lazer, assim como as zoonoses, tanto que, para se responder à questão “quais os aspetos positivos e negativos existentes na relação com o animal”, foram mencionadas, no geral, mais aspetos negativos (mais uma vez presente a discussão entre emoção e razão). Porém, e para quem o humaniza, são responsabilidades/caraterísticas atenuadas pela (re)compensa posterior de todos os restantes benefícios, relacionados com o bem-estar que o *pet* proporciona ao dono. No que concerne aos motivos que levam a adotar um animal, percebe-se que, por muitos aspetos negativos existentes na relação, os interesses específicos do dono, mesmo que também em benefício do animal, resvalam para o início

da relação. Quanto maior for a experiência positiva que o dono teve com os *pets*, maior a sua vontade em continuar a usufruir da existência desta, já a negativa, tende, maioritariamente a piorar, exceto quando este utiliza o animal para ultrapassar algum trauma do passado.

Dentro do seio familiar, o animal pode ser representado enquanto um elemento integrante da mesma mas que varia nos diferentes tipos de relação. Se o *pet* tem um dono específico, e na escala temporal, essa pessoa mantém essa relação, o animal é visto pelos restantes membros familiares como não sendo destes. Também pode ser um animal que pertence a vários elementos, e/ou pertence a todos os constituintes. Ou seja, esta questão torna-se pertinente pois, as representações são diretamente influenciadas por quem “detém” o animal, é normal, então, haver uma menor preocupação reação afetiva menos vinculada quando o animal é de outro elemento da família e apenas se convive com o mesmo no espaço doméstico.

A introdução de um animal no quotidiano de alguém transporta uma mudança no quotidiano doméstico. Novas disposições físicas para conciliar todos os interesses de quem permite o animal andar livremente pela casa e não fica completamente incomodado caso este estrague algo, nova definição horária para passar mais tempo com o animal,

Emoções relacionadas com a felicidade, amor, compaixão, foram as mais associadas à relação e representação que se tem para com o animal. As restantes emoções são: a tristeza, a surpresa, a raiva, o medo, nojo, vergonha e culpa.

Quando o indivíduo possui uma personalidade mais emotiva, tende a sofrer pela perda de vida dos que estima, e por isso, quando representa o animal de estimação enquanto companheiro/amigo/família vai ter as mesmas reações. Relativamente à análise da comunicação entre a emoção e a razão, por exemplo, no processo de tomada de decisão em caso de abate do *pet*, esta é socialmente aceite quando o mesmo se encontra em sofrimento, e apesar de, egoistamente (emoção), não se querer realizar esse procedimento, porque não desejam ficar sem a companhia do animal, acabam por assumir que ele não está a ter uma qualidade de vida digna (razão).

Todas estas representações, emoções e atitudes são também confirmadas nos casos inversos aos que foram expostos. Ou seja, quando o animal não é visto enquanto elemento da família e/ou um amigo, e não possui uma ligação peculiar com o dono, há uma maior distância na relação com o mesmo, da qual se reage de forma mais fria caso

este morra/desapareça. Casos de atores que descartaram esta responsabilidade também foram discutidas nas entrevistas em questão.

De que forma as representações sociais poderão afetar as atitudes perante a (possível) morte dos animais de estimação?

Postas as últimas linhas de pensamento, os animais quando são representados enquanto “de estimação” com características humanas e são amados, possuem uma categoria própria no meio familiar, que os distingue dos pais e irmãos, mas que poderão ser tão ou mais importantes que estes. Esta importância está diretamente relacionada com o tipo de relação que o ator tem perante o animal: quando mais especial, íntima e positiva for, maior o peso da presença deste Ser no quotidiano do indivíduo e, consequentemente, maior o sofrimento e carência nos rituais fúnebres quando o pet morrer.

Rumo ao término desta jornada, e após ter percorrido uma já longa caminhada pelas representações sociais, interações, dinâmicas sociais e afetivas provenientes das relações com os animais de estimação, assim como as (imaginárias) reações que os atores poderão ter com a morte dos mesmos, não é objetivo ficar-se só por esta amostra. Ou seja, espera-se, também, poder contribuir, enquanto base e inspiração para uma futura investigação, na dicotomia das representações sociais no meio urbano comparativamente ao meio rural de forma a retirar ilações convergentes ou divergentes numa abordagem temática semelhante, seria interessante, agora que os indicadores e variáveis bases são fundamentados, comparar as representações/dinâmicas sociais que os indivíduos possuem em contextos rurais *versus* os contextos urbanos, isto a uma escala nacional.

Após o desfecho desta investigação, duas outras questões se impõe à investigadora primeiramente, será a representação social, associada aos animais, influenciada pelo papel social de género? E, a variável idade poderá ser um fator preponderante no tipo de relação que se tem para com o animal? De facto, assumiu-se, desde o início da investigação de mestrado, que não se daria total relevância às variáveis a cima descritas, isto para (de) não se restringir a amostra em questão, mas, curiosamente as pessoas de género feminino demonstraram uma maior ligação para com o animal, tal e qual como os entrevistados mais velhos.

Em modo de conclusão, espera-se, de forma modesta, que através desta dissertação, os investigadores sociológicos, e todas Ciências Sociais, tenham uma perspetiva mais focalizada perante estas novas relações, e este novo fenómeno, que se

pode tornar essencial quando se analisa as dinâmicas familiares, as interações sociais e o indivíduo enquanto elemento que diariamente se relaciona com o seu *pet* e o representa como um ente-querido.

REFERÊNCIAS

- American Sociological Association. 2013. *Animals and Society*. <http://www.asanet.org/communities/sections/sites/animals-and-society>.
- Andrade, Cecília, and Rielli, Maria. S.d *Emoções: Dimensão Diferencial para a Transformação das Organizações*. Instituto Reichiano.
- Araújo, Ana. 1997. *A Morte em Lisboa: Atitudes e Representações: 1700-1830*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Barbalet, Jack. 2008. *Weber, Passion and Profits*. Cambridge University Press.
- Bardin, Laurence. 2004. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BBCHDDocumentary. 2013. *Animal Odd Couples Full Documentary 2013*. <https://www.youtube.com/watch?v=dLSkuTNiU9E>.
- Berardinelli, Lina, and Gironi, Marina, and Santo, Fátima. 2014. *Contribuição da Etnometodologia para Avaliação do Cuidado de Enfermagem no Centro Cirúrgico*. Rio de Janeiro.
- Blouin, David (2012). *Understanding Relations Between People and Their Pets. Pet Ownership in American Society*. Pet Ownership in American Society. Indiana University South Bend. Sociology Compass 6/11.
- Bonelli, Maria. 2004. *Arlie Russell Hochschild e a Sociologia das Emoções*. Cad. Pagu [online]., n.22, pp. 357-372. ISSN 1809-4449.
- Bonello, Fábio. 2006. *Avaliação do Manejo e do Potencial Zoonótico de Papagaios-Verdadeiros (Amazona Aestiva) Mantidos em Cativeiro Domiciliar*. PhD diss., Faculdade de Odontologia e Curso de Medicina Veterinária da Universidade Estadual Paulista. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Araçatuba – SP
- Bryant, Clifton. 1979. *The Zoological Connection: Animal Related Human Behavior*. Social Forces 58: 399-421.
- Cerejo, Sara. 2014. *Viver Sobrevivendo: Emoções e Dinâmicas Socioculturais nos Processos de Manutenção das Relações Conjugais Violentas*. PhD diss., Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

- Chauvin, Remy. 1963. *As Sociedades Animais*. Civilização, Conhecimento do Homem.
- Corona, Hieda. 2003. *As Estratégias dos Agricultores Familiares do Sudoeste do Paraná Frente à Modernização no Campo*. XI Congresso Brasileiro de Sociologia. INICAMP, Campinas, SP. Grupo: As Formas de Produção na Agricultura Brasileira.
- Correia, Maria. 2012. *A Observação Participante Enquanto Técnica De Investigação*. Pensar Enfermagem, vol. 13.
- Costa, António Firmino da. 1986. *A Pesquisa de Terreno em Sociologia*. In *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento. 129-148.
- Costa, Edmara. 2006. *Animais de Estimação: Uma Abordagem Psico-sociológica da Concepção dos Idosos*. Fortaleza-Ceará.
- Cunha, Fábio. 2013. *Similaridades nas Desigualdades – um Modelo Animal para o Estudo da Vulnerabilidade ao Sedentarismo*. PhD diss., Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de medicina. Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Porto Alegre, Brasil.
- Damásio, António. 1995. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem Martins : Europa-América, D. L. 2ª ed.
- Damásio, António. 2003. *Ao Encontro de Espinosa: as Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. Mem Martins: Publicações Europa América 5ª ed.
- Darwich, Rosângela. 2005. *Razão e Emoção: uma Leitura Analítico-Comportamental de Avanços Recentes nas Neurociências*. Estudos de Psicologia 10(2): 215-222.
- Decreto-lei 314/2003. Diário da República— I SÉRIE-A, No 290 (2003). Disponível em <https://dre.pt/application/file/432911>
- Decreto-lei 314/2003. Diário da República— I SÉRIE-A, No 314 (2003). Disponível em <https://dre.pt/application/file/a/432911>
- Decreto-lei 421/2004. Diário da República— I SÉRIE-B, No 421 (2004). Disponível em <https://dre.pt/application/file/222942>
- Delarissa, Fernando. 2003. *Animais de Estimação e Objetos Transicionais: Uma Aproximação Psicanalítica Sobre a Interação Criança-Animal*. PhD diss.,

Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Assis.

Diário da República, 1.ª série – N.º45 – 3 março 2017

Diário de Notícias. 2015. “*O Diogo Largou um Gato da Varanda do Seu Quarto*”. *O Exercício de Física para 9.º Ano que Está a Gerar Polémica*. <https://www.dn.pt/portugal/interior/o-diogo-largou-um-gato-da-varanda-do-seu-quarto-o-exercicio-de-fisica-para-ano-que-esta-a-gerar-polemica-4582315.html>.

Diário de Notícias. 2017. Índia - “*Matar em Nome do Culto da Vaca não é Aceitável*”, diz Primeiro-Ministro Indiano. <https://www.dn.pt/mundo/interior/pm-indiano-condena-linchamentos-de-muculmanos-no-pais-8600310.html>.

Durkheim, Émile. 2007. *As Regras do Método Sociológico*. Martins Fontes. São Paulo.

Fernandes, António. 1988. *A Eutanásia Como Fenómeno Social*. Comunicação Apresentada ao Colóquio Interdisciplinar sobre “A Vida: Direito e Dever”, promovido pela Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, pp. 525-536.

Fernandes, António. 1990. *Modernidade e Eutanásia*. Comunicação apresentada ao Colóquio sobre a Eutanásia. Academia das Ciências de Lisboa.

Foddy, William. 1997. *Como Perguntar: Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*. Oeiras: Celta.

Gabriel, Fábio. 2007. *A Aplicação de um Inquérito Populacional como Auxiliar no Planeamento da Educação em Saúde, Promoção da Posse Responsável e Controle da Raiva nos Municípios de Botucatu e Lençóis Paulista – S.P.* PhD diss., Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Botucatu- SP.

Gameiro, Augusto. 2007. *Análise Económica e Bem-estar Animal em Sistemas de Produção Alternativos: uma Proposta Metodológica*. XLV Congresso da SOBER: *Conhecimentos para Agricultura do Futuro*. Grupo de pesquisa: Agricultura, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

Garfinkel, Harold. 1967. *Studies in Ethnomethodology*. University Of California. Los Angeles.

- GfK, 2015. *Portugal é um país Pet-Friendly*. Estudo GfKTrack.2PETs Portugal (Vaga 2015) <http://www.gfk.com/pt/insights/press-release/portugal-e-um-pais-pet-friendly/>
- Guerra, Isabel. 2006. *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso*. Estoril: Principia.
- Jodelet, D. 1989. *As Representações Sociais*. Paris: PUF. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação: 31-61.
- Lima, Maria. 2012. *Relações Sociais Com Gatos e Cães: Desafios Da Pesquisa Na Sociologia Animal*. XV encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Préalas Brasil. Trabalho de campo e as interfaces entre as Ciências Sociais e outros saberes. Universidade Federal de Pernambuco.
- Lorenz, Konrad. 1975. *Três Ensaio Sobre o Comportamento Animal e Humano: as Lições da Evolução Da Teoria do Comportamento*. Lisboa: Arcádia.
- Lourenço, Nelson, Lisboa Manuel. 1992. *Representações da Violência: Percepção Social do Grau da Frequência das Causas e das Medidas para Diminuir a Violência em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários.
- Mailonline, By Dave Burke For. 2017. *Texas Couple let 2,500lb BUFFALO Live in Their Home*. Mail Online. <http://www.dailymail.co.uk/~article-4222776/index.html>.
- Mamede, Gladston. 1995. *Semiologia e Direito: Tópicos para um Debate Referenciado pela Animalidade e pela Cultura*. Belo Horizonte: Editorial 786, 1ª ed
- Matte, Eunice. 2014. *Animais “de Estimação”: Percepções de Estudantes do Ensino Médio e sua Relação com o Papel da Escola*. PhD diss., Universidade federal do rio grande do sul. Instituto de biociências comissão de graduação do curso de ciências biológicas.
- Mela, Alfredo, and Belloni Maria, and Davico Luca. 2001. *A Sociologia do Ambiente*. Editorial Estampa.
- Morin, Edgar. 1970. *O Homem e a Morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Morin, Edgar. 2010. *O Paradigma Perdido: a Natureza Humana*. Lisboa: Publicações Europa-América. 4ª edição.

- Morris, Desmond. 1979. *O Tempo dos Animais*. Publicações Europa-América.
- Moscovici, Serge. 1994. *A Representação Social da Psicanálise*. Trad. por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Oliveira, Márcio. 2003. *Representações Sociais e Sociedades: A Contribuição de Serge Moscovici*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 19. Nº55.
- Oliveira, Samir, and Montenegro, Ludmila. 2012. *Etnometodologia: Desvelando a Alquimia da Vivência Quotidiana*. Cad. EBAPE.BR. Rio de Janeiro, vol. 10: 129-145.
- Pais, Machado. 2006. *Nos Rastos da Solidão*. Deambulações Sociológicas. Ambar.
- Pastori, Érica. 2012. *Perto e Longe do Coração Selvagem: um Estudo Antropológico sobre Animais de Estimação*. PhD diss., Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- Paula, Cleber. 2012. *Fatores de Virulência, Resistência Antimicrobiana em Isolados de Escherichia Coli Provenientes do Trato Genito-Urinário de Humano e das Fezes de seus Animais de Companhia*. PhD diss., Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Câmpus de Jaboticabal. Jaboticabal – SP – Brasil.
- Peres, Lísia. 2010. *Caracterização Demográfica de Phrynops hilarii (Testudines, Chelidae) em um Ambiente Urbano de Porto Alegre, RS, Brasil*. PhD diss., Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação. Programa de Pós-Graduação em Lisboa. São Leopoldo.
- Pinto, José, and Cunha, Teresa. 2016. *Eutanásia e Suicídio Assistido*. Divisão de Informação Legislativa e Parlamentar – DILP, Coleção Temas, nº60
- R. Caillois, et al. 1967. *O Robot, o Animal e o Homem*. Lisboa: Publicações Europa-América, Texto Integral das Conferências e dos Debates. Encontros Internacionais de Genebra
- Rodrigues, Adriano. 1980. *Para uma Sociologia Qualitativa*. In Economia e Sociologia, n.º31, Évora.

- Ruquoy, Danlielle. 1997. *Situação de Entrevista e Estratégia do Entrevistador*. In Albarello, Luc, et al. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1ª ed
- Sauerbronn, João, and Ayrosa, André, and, Barros, Denise. 2009. *Bases Sociais das Emoções do Consumidor - Uma Abordagem Complementar Sobre Emoções e Consumo*. Cadernos Ebape. BR, v. 7, nº 1, artigo 11, Rio de Janeiro
- Sauerbronn, João, and Ayrosa, André, and, Barros, Denise. 2009. *Bases Sociais das Emoções do Consumidor - Uma Abordagem Complementar Sobre Emoções e Consumo*. Cadernos Ebape. BR, v. 7, nº 1, artigo 11, Rio de Janeiro
- Sêga, Rafael. 2000. *O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici*. Porto Alegre.
- Segata, Jean. 2012. *Nós e os Outros Humanos, os Animais de Estimação*. PhD diss., Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
- Silva, José, and Búrgio Fábio. 2003. *A Metodologia e a Epistemologia na Sociologia de Durkheim e de Max Weber*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, vol. 1.
- Tvi24. 2015. *Eleições: PAN elege um deputado*. <http://www.tvi24.iol.pt/politica/eleicoes/pan-elege-um-deputado>.
- Westphal, Vera. 2010. *A Individualização em Ulrich Beck: Análise da Sociedade Contemporânea*. Emancipação, Ponta Grossa, 10(2): 419-433.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Grelha analítica das problemáticas, dimensões e indicadores da Análise de Conteúdo.....	26
Quadro 2 - Componente Afetiva na construção do Guião de Entrevista	27
Quadro 3- Análise de Conteúdo da Componente Afetiva.....	29
Quadro 4- Componente Afetiva na quantificação em Excel.....	87

ANEXOS

ANEXO1

Guião de entrevista

- | | | | |
|------------------|---------------------------|--------------|------------------------|
| 1. Nome | 2. Sexo | 3. Idade | 4. Local de residência |
| 5. Estado Civil | 7. Habilitações escolares | 8. Profissão | 9. Agregado familiar |
| 6. Nacionalidade | | | |

10. O que é para si um animal de estimação?

- 10.1. Dê exemplos de animais de estimação.
- 10.2. Para si, os animais de estimação têm semelhanças?
 - 10.2.1. (Se sim) Quais são?
- 10.3. Acha que têm diferenças?
 - 10.3.1. Quais são?

11. Tem neste momento algum animal de estimação?

- 11.1. (Se sim). Qual/ais?
 - 11.1.1. Descreva o(s) seu(s) animais
 - 11.1.2. Porque decidiu tê-lo(s)?
- 11.2. Nome do animal? Ou dos vários animais
 - 11.2.1. Porque escolheu esse nome?
 - 11.2.2. Gosta do nome ou mudava-o?
 - 11.2.3. O animal responde ao nome?

11.3. Qual a sua relação com o(s) animal(is)?

- 11.3.1. Sempre a mesma?
 - 11.3.1.1. Porquê?
 - 11.3.1.2. Descreva-a

11.4. (Se teve mais animais) E eles conviveram juntos?

- 11.4.1. (Se teve mais que um animal) Qual a relação entre os animais?
 - 11.4.1.1. Qual a sua atitude perante as relações entre os animais

11.5. Vive com esse(s) animal de estimação?

- 11.5.1. (Não) Ele vive onde?
 - 11.5.1.1. Porquê?
- 11.5.2. (Se sim) Vive(m) dentro de casa ou fora?
 - 11.5.2.1. Porquê?
- 11.5.3. (Dentro) Sozinhos ou acompanhados?

- 11.5.4. (Se vive com animal e não vive sozinho). Descreva a sua família.
- 11.5.4.1. Qual a relação das outras pessoas, que vivem consigo, perante o animal de estimação?
- 11.5.4.1.1. Como reage a essa relação?
- 12. Como era a sua vida antes de ter o primeiro animal?**
- 12.1.1. O que mudou?
- 12.1.1.1. O que gostava que mudasse?
- 12.1.2. (Se tem mais animais) Como era a sua vida antes de ter vários animais?
- 12.1.3. O que mudou?
- 12.1.3.1. O que gostava que mudasse?
- 13. Já alguma vez teve algum animal de estimação e que neste momento já não o tem?**
(exceto em caso de morte)
- 13.1. (Se sim) Foi só um ou já teve mais?
- 13.1.1. Descreva o(s) seu(s) animais
- 13.1.2. Nome
- 13.1.2.1. Porque escolheu esse nome? Mudava-o?
- 13.2. Porque já não o(s) tem?**
- 13.3. Vivia com esse animal de estimação?**
- 13.3.1. (Se sim) Vivia(m) dentro de casa ou fora?
- 13.3.1.1. Porquê?
- 13.3.2. (Dentro) Sozinhos ou acompanhados?
- 13.3.3. (Se viveu com animal e não viveu sozinho). Descreva a sua família.
- 13.3.4. Qual a relação das outras pessoas, que vivem consigo, perante o animal de estimação?
- 13.3.4.1. Como reagia a essa relação?
- 14. Antes, conviveu ou viveu na mesma habitação que algum animal de estimação?**
- 14.1. (Se sim) Vive com o animal de estimação? Sozinhos ou acompanhados?
- 14.1.1. (Descreva relação)
- 15. Antes vivia com os pais/avós/familiares?**
- 15.1. (Se sim) Eles tinham animais de estimação?
- 15.1.1. (Se sim) Qual era a posição destes perante os animais de estimação?
- 15.2. (Se não) Na casa onde vivia, convivia com animais de estimação?
- 15.2.1. (Se sim) Qual era a posição destes perante os animais de estimação?
- 16. Antes tinha algum desejo de ter algum animal de estimação?**
- 17. Enuncie aspetos e emoções positivo/as das relações com o(s) animais de estimação.**
- 18. Enuncie aspetos e emoções negativo/as das relações com o(s) animais de estimação.**

19. Como se sente em relação aos animais de estimação? Como é que os animais o fazem sentir?

20. Qual a sua opinião sobre a morte?

- 20.1. Já alguma vez experienciou a morte de um animal de estimação?
 - 20.1.1. (Se sim) Qual era a sua relação com este animal?
 - 20.1.2. Quais foram as razões para a morte do mesmo?
 - 20.1.3. (Várias experiências) Qual o tipo de relação com os animais e razões das mortes.
 - 20.1.4. Como foi a sua reação à morte do animal?
 - 20.1.5. Como se sentiu na altura?
 - 20.1.6. Como se sente agora que pensa nisso?
- 20.2. (Se tem neste momento um ou mais animais) Imagine que o/s seu/s animais tinham pouco tempo de vida (um mês), como acha que iria reagir?
- 20.3. Que atitudes iria tomar?
- 20.4. Como acha que se iria sentir?
- 20.5. Como se sente agora que pensa nisto?

21. Alguma informação a acrescentar?

ANEXO2

Peço para responder de forma mais simples possível: [Exemplo, sim, não; 2, 3; mãe, marido; coelho, cão]

- 1. Está disponível para vir, presencialmente, à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas para fazer a entrevista que será gravada e transcrita?
 - 1.1. Qual a sua disponibilidade?
- 2. Idade:
- 3. Local de residência:
 - 3.1. Agregado familiar dessa residência:
- 4. Tem neste momento algum animal de estimação?
 - 4.1. Quantos?
 - 4.2. Qual a espécie(s)?
 - 4.3. Dentro ou fora de casa?
- 5. A sua idade quando teve o primeiro animal de estimação:
- 6. Já alguma vez experienciou a morte de um animal de estimação?

ANEXO3

Compo nentes	Indicadores		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	Nº total
Afetiva	Nome do animal.	Escolha do nome foi ponderada	O animal já tinha nome		2		1	1				1				4
			Não foi o dono a apelida-lo		2		1	2	1	2	2		1			7
		Escolha do nome foi ponderada	Expressão de afeto e/ou diminutivo		2	1		1				1			1	5
			Evoca algum gosto pessoal			1				1	1	3		3		5
			Designa comportamento/as peto do animal		1	1	2				1		1			5
			Em memória de alguém ou outro animal		1		2		1		1	2	1		1	7
			Para animal memorizar mais facilmente		1						1	1	1			4
			Nome típico de humano							3	1			1		3
			Em homenagem a local/objeto/época especial		1			1		1						3

Quadro 4- Componente Afetiva na quantificação em Excel

ANEXO4



Figura 1- resultados do estudo. Fonte: GfK, 2015. Portugal é um país Pet-Friendly. 01 de Outubro. Estudo GfKTrack.2PETs Portugal (Vaga 2015) <http://www.gfk.com/pt/insights/press-release/portugal-e-um-pais-pet-friendly/>